

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE – FPS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

CLARA SOBREIRA PEREIRA NOGUEIRA

**DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE UMA OFICINA
SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) NA INCLUSÃO ESCOLAR DE
CRIANÇAS COM AUTISMO**

Recife
2025

**DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE UMA OFICINA
SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) NA INCLUSÃO ESCOLAR DE
CRIANÇAS COM AUTISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* - Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Linha de Pesquisa: Avaliação Psicológica e Promoção de ações em saúde.

Orientador: Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa

Recife
2025

Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

N778d Nogueira, Clara Sobreira Pereira

Desenvolvimento e implementação de uma oficina sobre práticas educacionais e análise do comportamento aplicada (ABA) na inclusão escolar de crianças com autismo. / Clara Sobreira Pereira Nogueira; orientador Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa. – Recife: Do Autor, 2025.

95 f.: il.

Dissertação – Faculdade Pernambucana de Saúde, Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado em Psicologia da Saúde, 2025.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Inclusão Escolar. 3. Análise do Comportamento Aplicada. 4. Educação Especial. 5. Capacitação de Professores.
I. Barbosa, Leopoldo Nelson Fernandes. II. Título.

CDU 37.014.1

CLARA SOBREIRA PEREIRA NOGUEIRA

**DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE UMA OFICINA
SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) NA INCLUSÃO ESCOLAR DE
CRIANÇAS COM AUTISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* - Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Data de aprovação: _____/_____/_____

Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa
Pós Doutor em Ciências da Saúde
Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS
Orientador

Nome do Avaliador 1
Titulação e Instituição vinculada

Nome do Avaliador 1
Titulação e Instituição vinculada

Nome do Avaliador 1
Titulação e Instituição vinculada

Dedico este trabalho à minha filha, Maria, que, mesmo tão pequena, com coragem, docura e algumas “birras”, suportou as minhas ausências — não sem saudade. É por ela que encontro força, propósito e sentido em cada passo da minha caminhada. Seu sorriso me impulsiona. Com muito amor, é um mundo melhor para ela que busco construir levando à Análise do Comportamento a todos os lugares.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me confiado uma vocação e missão tão linda e transformadora: colaborar, através da Psicologia e da Análise do Comportamento, com o desenvolvimento das pessoas neurodivergentes e suas famílias. É com fé, sentido, conhecimento, aprendizagem e amor que sigo nesse caminho, convicta de que cada passo é guiado por algo maior.

Aos meus pais, pelo incentivo, amor incondicional e pelo suporte incansável nos momentos em que a vida exigiu mais de mim. Obrigada por cuidarem da minha filha com tanto zelo, permitindo que eu estivesse presente nos compromissos acadêmicos com tranquilidade no coração.

À minha filha, Maria, que desde que existe me ensina tanto sobre força, doçura, coragem, e tantas coisas mais. Foi por ela – e para ela – que cada tempo dedicado e cada página escrita valeram a pena. Seu sorriso é o combustível mais potente que existe.

À minha irmã, que segurou minha mão com firmeza e afeto em todos os momentos, me encorajou quando a dúvida bateu e me lembrou quem eu sou quando esqueci. Sua presença constante me deu forças e esperança.

À minha querida funcionária, Izabel, que está ao meu lado e da minha filha, com generosidade e parceria, tornando o dia a dia mais leve e possível. A sua contribuição foi essencial para que este trabalho se concretizasse.

À minha psicóloga, Renata Martins, por ser meu porto seguro emocional. Obrigada por me ajudar a reencontrar meus valores sempre que o desânimo tentou me afastar do caminho. Sua escuta, acolhimento e orientação foram fundamentais para que eu pudesse seguir com a minha verdade.

À minha tia, Beatriz Sobreira, que, desde o início da minha trajetória na faculdade, me inseriu, paralelamente, na área da educação infantil, por meio das aulas particulares que, para além de um trabalho, representaram minha primeira fonte de aprendizado sobre as neurodivergências e as dificuldades de aprendizagem. Obrigada por ser, desde sempre, acolhimento, escuta e a minha segunda mãe.

Às minhas demais tias, Tia Glória, Tia Neném, Tia Lucinha, tão presentes, meu muito obrigada pelas orações, ajudas diversas e incentivo sempre!

Ao meu orientador, Prof. Leopoldo Barbosa, com quem tive o privilégio de compartilhar mais de um capítulo da minha trajetória acadêmica. Obrigada por acreditar, por guiar com sabedoria e respeito, e por fazer da orientação um espaço de crescimento e confiança.

À minha querida equipe da Be Live, que acompanhou de perto cada etapa deste mestrado — obrigada por ouvirem, acolherem e compreenderem o cansaço, o estresse e as ausências ao longo do caminho. Obrigada, sobretudo, por acreditarem comigo no poder transformador da ciência quando aliada à sensibilidade e ao afeto. É uma honra imensa construir, ao lado de vocês, um trabalho tão necessário, potente e cheio de propósito.

Aos meus clientes e às suas famílias, por confiarem em mim o que têm de mais precioso. Cada encontro, cada conquista, cada desafio enfrentado ao lado de vocês me ensina e me inspira profundamente. Vocês são parte viva da razão pela qual essa dissertação existe.

E, por fim, a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada: meu sincero muito obrigada.

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta crescente prevalência e complexidade, impactando diretamente o sistema educacional e desafiando práticas inclusivas nas escolas. Nesse cenário, torna-se essencial a formação continuada de professores da rede pública, especialmente por meio de estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), reconhecida como prática baseada em evidências para o desenvolvimento de habilidades em crianças com TEA. **Objetivo:** Desenvolver e implementar uma oficina formativa sobre práticas educacionais e ABA para professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) de um município do agreste pernambucano, como parte de um projeto maior de extensão, configurando-se como um estudo de viabilidade ancorado nesse projeto. **Método:** O estudo seguiu o modelo ADDIE de desenho instrucional (Análise, Design, Desenvolvimento, Implementação e Avaliação). Até o momento, foram contempladas as etapas de análise, design, desenvolvimento e implementação da oficina piloto, ficando a avaliação sob responsabilidade da instituição parceira. **Resultados:** Foram produzidos dois produtos técnicos: a oficina piloto e o manual do facilitador. A oficina configurou-se como espaço de construção de saberes e apropriação de estratégias práticas de ABA, promovendo reflexão crítica e engajamento docente, mostrando que a oficina pode ser efetiva para ampliar o repertório pedagógico dos professores. O manual complementa a ação ao oferecer orientações claras e exemplos aplicáveis, possibilitando replicações futuras. **Conclusões:** O estudo demonstrou-se necessário e viável, revelando o potencial das oficinas pedagógicas como estratégias formativas na perspectiva da neurodiversidade e da inclusão escolar. Representa uma etapa inicial de um projeto mais amplo, cuja continuidade permitirá testar os efeitos da proposta em novas edições.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Inclusão Escolar; Análise do Comportamento Aplicada; Educação Especial; Capacitação de Professores.

ABSTRACT

Background: Autism Spectrum Disorder (ASD) presents increasing prevalence and complexity, directly impacting the educational system and challenging inclusive practices in schools. In this context, continuing education for public school teachers becomes essential, especially through strategies grounded in Applied Behavior Analysis (ABA), which is recognized as an evidence-based practice for the development of skills in children with ASD.

Objective: To develop and implement a training workshop on educational practices and ABA for teachers of Specialized Educational Assistance (SEA) in a municipality in the Agreste region of Pernambuco, as part of a broader extension project, configuring this initiative as a feasibility study anchored in that project. **Method:** The study followed the ADDIE instructional design model (Analysis, Design, Development, Implementation, and Evaluation). Up to this stage, the phases of analysis, design, development, and implementation of the pilot workshop were completed, while the evaluation phase will be conducted by the partner institution.

Results: Two technical products were developed: the pilot workshop and a facilitator's manual. The workshop provided a space for the construction of knowledge and appropriation of ABA-based strategies, fostering critical reflection and teacher engagement, showing that the workshop may be effective in expanding teachers' pedagogical repertoire. The manual complements the initiative by offering clear guidelines and practical examples, enabling future replications. **Conclusions:** The study proved to be both necessary and feasible, demonstrating the potential of pedagogical workshops as training strategies in the perspective of neurodiversity and school inclusion. It represents an initial stage of a broader project, whose continuity will allow further testing of the proposal's effects in new editions.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; School Inclusion; Applied Behavior Analysis; Special Education; Teacher Training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Momento da dramatização de sala de aula	38
Fotografia 2 - Momento final da oficina, com os participantes	40
Fotografia 3 – Imagem da capa do Guia dos participantes da oficina.	41
Fotografia 4 - Modelo de timer utilizado na Oficina piloto	57
Fotografia 5 - Momento da encenação do Caso 1	62
Fotografia 6 - Card para controle de modulação do volume da voz	63
Fotografia 7 - Exemplos de Rotinas visuais	63
Fotografia 8 - Exemplo de brinde para o final da oficina	64

LISTA DE SIGLAS

- ABA – Análise do Comportamento Aplicada
- AEE – Atendimento Educacional Especializado
- CAA – Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA)
- FPS – Faculdade Pernambucana de Saúde
- TEA – Transtorno do Espectro Autista
- MEC – Ministério da Educação
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
- OBM – Organizational Behavior Management
- PECS – Picture Exchange Communication System (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras)
- PODD – Pragmatic Organisation Dynamic Display (Pranchas Dinâmicas com Organização Pragmática)
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- TD Snap® – aplicativo de comunicação flexível, baseado em símbolos, projetado para Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	17
2.2 Objetivo Geral	17
2.3 Objetivos Específicos	17
3 MÉTODO	18
3.1 Desenho do estudo.....	18
3.2 Local.....	19
3.3 População alvo.....	19
3.4 Período	20
3.5 Aspectos éticos	20
4 RESULTADOS	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE A – APÊNDICE A - OFICINA: PRÁTICAS EDUCACIONAIS E ABA NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO.....	29
APÊNDICE B – MANUAL DO FACILITADOR: OFICINA SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E ABA NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO.....	43
APÊNDICE C – ROTEIRO DETALHADO DA OFICINA.....	57
APÊNDICE D – CHECKLIST PARA O DESENVOLVIMENTO DA OFICINA E PREPARAÇÃO DOS MATERIAIS	60
APÊNDICE E – CASO DA DRAMATIZAÇÃO.....	62
APÊNDICE F –EXEMPLOS DE MATERIAIS APRESENTADOS NA OFICINA PILOTO	63
APÊNDICE G – SLIDES DE APRESENTAÇÃO DA OFICINA PILOTO	65
APÊNDICE H – MODELO DE CERTIFICADO DE PARTICIPANTE	90
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E DE DESAFIOS DA PRÁTICA NA INCLUSÃO.....	91
APÊNDICE J – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA OFICINA.....	95

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por desafios na comunicação, na interação social e por padrões de comportamento restritos e repetitivos. Sua crescente visibilidade e prevalência têm impulsionado debates no campo da saúde pública, educação e políticas inclusivas. Segundo dados recentes do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), estima-se que cerca de 1 a cada 31 crianças de 8 anos nos Estados Unidos sejam diagnosticadas com TEA, um aumento significativo que aponta para a ampliação da identificação precoce e uma maior vigilância epidemiológica.^{1,2,3}

Observa-se ainda a consolidação de um novo padrão: desde 2020, a prevalência de TEA tem sido maior entre crianças negras, hispânicas e asiáticas/pacífico-ílhéus (A/PI) em comparação com crianças brancas, além de maior incidência de deficiência intelectual associada nesses grupos. O diagnóstico de TEA também permanece mais frequente entre meninos do que entre meninas (49,2 por mil contra 14,3 por mil), o que reforça a necessidade de abordagens educacionais sensíveis às especificidades de gênero, raça e condição socioeconômica. Esses dados evidenciam a urgência de estratégias equitativas e sistemáticas no campo da saúde e da educação para garantir acesso a diagnóstico, tratamento e apoio a todas as crianças com TEA.²

O Censo Demográfico 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), representou um marco histórico para o Brasil ao apresentar, pela primeira vez, dados oficiais sobre o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram contabilizadas aproximadamente 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas, o que corresponde a 1,2% da população, ou seja, cerca de 1 a cada 83 brasileiros. A prevalência foi mais elevada entre os mais jovens: 2,1% entre 0 e 4 anos, 2,6% entre 5 e 9 anos, 1,9% entre 10 e 14 anos e 1,3% entre 15 e 19 anos, totalizando aproximadamente 1,1 milhão de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos com diagnóstico. Na faixa de 5 a 9 anos, destaca-se que 1 a cada 38 crianças apresenta diagnóstico de TEA. Entre os meninos dessa faixa etária, a prevalência chega a 3,8% — aproximadamente 1 a cada 26 meninos —, enquanto entre as meninas é de 1,3%, equivalente a 1 a cada 77 meninas.⁴

Na análise regional, o estado de Pernambuco apresentou uma prevalência de 1,2%, ou aproximadamente 1 a cada 83 pessoas diagnosticadas com TEA, mantendo-se alinhado à média nacional. Em Recife, capital do estado, o percentual foi mais elevado, chegando a 1,4%, o que corresponde a aproximadamente 1 a cada 71 pessoas com diagnóstico. Esses dados reforçam a importância do fortalecimento das políticas públicas locais, com foco em diagnóstico precoce,

intervenções especializadas e a ampliação do acesso aos serviços de saúde e educação, essenciais para o suporte ao desenvolvimento dessas pessoas.⁴

No contexto educacional, foram identificados cerca de 760,8 mil estudantes com 6 anos ou mais diagnosticados com TEA, representando 1,7% do total de estudantes brasileiros. Isso significa que, aproximadamente, 1 a cada 59 estudantes tem diagnóstico de TEA, sendo a maior concentração na educação básica, particularmente entre crianças de 6 a 14 anos. A análise também revelou desigualdades de gênero: entre os estudantes com TEA dessa faixa etária, os meninos apresentaram uma participação 1,3 vez maior do que as meninas. Já entre adultos com 25 anos ou mais, observou-se uma maior proporção de mulheres com TEA, sugerindo um movimento de retomada educacional por meio da Educação de Jovens e Adultos ou do Ensino Superior. A taxa de escolarização da população com autismo (36,9%) foi superior à observada na população geral (24,3%), isso se dá pela maior concentração da população com autismo nas idades mais jovens, principalmente entre as idades de 5 a 14 anos, que possuem altas taxas de escolarização e concentram mais da metade da população de estudantes com autismo.⁴

No contexto escolar, esse crescimento da identificação do TEA amplia os desafios enfrentados por professores, especialmente da rede pública, que muitas vezes carecem de formação específica para lidar com a diversidade de perfis comportamentais e de aprendizagem. Os dados do Censo Escolar 2024 da Educação Básica no Brasil⁵ apontam para um crescimento expressivo da inclusão de alunos com TEA em salas regulares, com 884.403 matrículas registradas – um aumento expressivo em comparação aos 41.194 alunos em 2015. Esses números reafirmam a urgência de iniciativas de formação docente que ofereçam suporte real às demandas da sala de aula inclusiva, promovendo não apenas o acesso, mas a efetiva participação e aprendizagem dos estudantes com autismo.

Cada criança com TEA apresenta um conjunto único de habilidades e dificuldades, exigindo do docente uma abordagem personalizada, sensível e embasada em práticas inclusivas. Apesar dos avanços nas políticas públicas de inclusão, persistem obstáculos no cotidiano escolar, como a adaptação de práticas pedagógicas, a escassez de recursos e a falta de capacitação contínua.^{6,7}

Estudos nacionais e internacionais apontam que a formação docente exerce papel fundamental na efetivação da inclusão escolar. Coutinho⁸, ao investigar o ensino no sul do Brasil, identificou como principais desafios relatados por professores: o comportamento dos alunos, dificuldades pedagógicas, pouca participação da família, problemas de comunicação, socialização e adaptação à rotina escolar. Outros estudos^{6,8,9,10,11} reforçam que o investimento

em formação continuada, colaboração entre profissionais e valorização do protagonismo docente impactam diretamente na qualidade do ensino e nos processos de inclusão.

A abordagem da neurodiversidade emerge como uma perspectiva transformadora nesse cenário, ao propor um modelo biopsicossocial que reconhece o TEA como parte da identidade do indivíduo. Em vez de patologizar comportamentos, busca-se compreender como as pessoas autistas percebem o mundo e se comunicam, valorizando suas singularidades e capacidades. Isso implica, por exemplo, uma maior sensibilidade para interpretar comportamentos repetitivos como formas legítimas de autorregulação diante de desafios sensoriais e sociais. Dessa forma, a neurodiversidade convida à construção de práticas pedagógicas que respeitem a autopercepção dos indivíduos com TEA e fortaleçam sua autonomia e pertencimento no ambiente escolar.^{7,12,13}

Nesse contexto, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) surge como uma abordagem fundamentada cientificamente, eficaz para promover a aprendizagem de indivíduos com TEA. A ABA é o ramo aplicado da Análise do Comportamento e envolve a descrição objetiva dos comportamentos, sua quantificação e a experimentação controlada para avaliação de intervenções. Considerada uma prática baseada em evidências, a ABA apresenta forte respaldo nacional e internacional na intervenção precoce e intensiva com pessoas autistas, favorecendo o desenvolvimento de habilidades acadêmicas, sociais e de autorregulação.^{2,6,14}

A aplicação da ABA no ambiente escolar permite a criação de estratégias personalizadas para gestão da sala de aula, fortalecimento da relação professor-aluno e promoção de comportamentos socialmente significativos. Com base no Behaviorismo Radical de B.F. Skinner, a ABA propõe uma análise funcional dos comportamentos, uso de reforços positivos, ensino estruturado e individualizado, e foco na construção de repertórios essenciais para a aprendizagem. Essas contribuições tornam-se especialmente relevantes para a inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares.^{2,6, 12, 14,15}

A promoção de práticas pedagógicas inclusivas requer não apenas a compreensão teórica dos direitos e das necessidades dos estudantes com deficiência, mas também uma disposição prática e contínua para transformar esse entendimento em ações concretas no cotidiano escolar. Segundo Lahmiyed, Slimani e Anasse¹⁶, a inclusão efetiva começa com a conscientização crítica dos educadores sobre as barreiras enfrentadas por esses alunos, seguida pela adoção de estratégias pedagógicas responsivas que valorizem a diversidade e assegurem a participação ativa de todos. Essa transição da conscientização à ação demanda formação contínua, reflexão docente e um compromisso ético com a equidade educacional.

O estudo de Brito e Elias¹⁷, realizado no estado de São Paulo, analisou o conhecimento e as práticas de professores da rede pública de ensino em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e à Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Os resultados revelaram que, embora os docentes se mostrem abertos à inclusão e dispostos a aprender, a maioria não possui formação específica sobre ABA nem conhecimento técnico suficiente para aplicar essa abordagem no planejamento pedagógico. A pesquisa evidenciou a limitação na elaboração de planos educacionais individualizados (PEIs), muitas vezes padronizados ou genéricos, sem considerar as especificidades do aluno com TEA. Além disso, destacou-se a falta de domínio dos princípios comportamentais fundamentais, o que compromete a eficácia das estratégias aplicadas em sala de aula. Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de programas formativos que articulem teoria e prática, promovendo a apropriação crítica de conceitos e metodologias baseadas em evidências.

A oficina, enquanto modalidade de curso de formação com ênfase prática, foi estruturada a partir de metodologias ativas e experiências vivenciais, como exposições dialogadas, simulações, uso de reforçadores, timers e estratégias de ensino como economia de fichas e cartões de sinalização comportamental, visando promover uma aprendizagem significativa por meio da problematização e da construção colaborativa do conhecimento.^{18,19,20}

Oficinas pedagógicas constituem-se como espaços de reflexão e ação, nos quais o docente se coloca como sujeito ativo de sua própria formação. Sua estrutura flexível permite a adaptação aos diferentes contextos escolares e às necessidades específicas dos participantes. As oficinas pedagógicas são instrumentos para o aperfeiçoamento didático em uma escola. Trata-se então, de uma situação de trocas de experiências e a construção de conhecimentos, através de uma aprendizagem dinâmica, que possibilita a inovação em salas de aulas. Diferente do modelo tradicional de transmissão de informações, as oficinas promovem a interação com o grupo, tornando a experiência mais enriquecedora com experiências diversificadas trazendo maior reflexão através dos desafios enfrentados pelos docentes. Por isso, o uso da oficina como produto técnico desta dissertação responde diretamente aos desafios atuais da educação inclusiva, contribuindo para o fortalecimento de práticas pedagógicas sensíveis, eficazes e baseadas em evidências.^{18,19,20}

As oficinas pedagógicas configuram-se como ambientes privilegiados de reflexão e ação, nos quais os docentes assumem um papel ativo em sua própria formação profissional. Diferentemente de abordagens tradicionais, essas oficinas favorecem uma postura investigativa, crítica e participativa, promovendo o desenvolvimento de competências pedagógicas alinhadas às necessidades contemporâneas do ensino. Sua estrutura flexível

permite a adaptação a diversos contextos escolares, bem como às especificidades dos participantes, valorizando suas vivências e saberes prévios.^{18,19, 20}

De acordo com Cardoso e Faria²⁰, as oficinas pedagógicas representam instrumentos potentes de aperfeiçoamento didático, ao possibilitarem a construção coletiva de conhecimento por meio de experiências práticas e colaborativas. Nesse sentido, elas rompem com o modelo transmissivo de ensino e instauram um espaço de aprendizagem dinâmica, em que a interação entre os participantes favorece a inovação nas práticas educativas, ampliando o repertório metodológico dos educadores e promovendo maior engajamento.

Por meio de propostas fundamentadas em metodologias ativas e baseadas em evidências, tais oficinas fomentam práticas pedagógicas sensíveis, eficazes e comprometidas com a transformação social. Dessa forma, o uso da oficina como produto técnico no contexto de uma dissertação ou projeto de intervenção torna-se uma resposta coerente e necessária aos desafios contemporâneos da educação, ao articular teoria e prática de maneira integrada e significativa.^{19,20,21}

Diante desse cenário, a presente dissertação tem como objetivo descrever o desenvolvimento e a implementação de uma oficina formativa voltada a professores da rede pública de um município do Agreste Pernambucano. A oficina tem como eixo central a formação em práticas educacionais baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), voltadas à inclusão escolar de crianças com TEA. A proposta busca, além da transmissão de conhecimentos técnicos, promover a construção coletiva de saberes, valorizar o protagonismo docente e incentivar a adoção de práticas reflexivas e sensíveis às necessidades de cada aluno.

2. OBJETIVOS

2.2 Objetivo Geral

Desenvolver e implementar uma oficina de capacitação para professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) da educação básica de um município do agreste de Pernambuco sobre Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo.

2.3 Objetivos Específicos

- Analisar a literatura científica relacionada às práticas educativas inclusivas e à Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no contexto da educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).
- Desenhar uma metodologia de ensino e estratégias pedagógicas voltadas à formação de professores, com foco na aplicação de princípios da ABA no contexto escolar inclusivo.
- Desenvolver objetivos de aprendizagem, conteúdos e recursos didáticos que compõem a oficina voltada a professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE).
- Implementar a oficina com professores de AEE atuantes em um município do agreste de Pernambuco, promovendo a formação prática e reflexiva.
- Elaborar um manual do facilitador, fundamentado na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que oriente a replicação da oficina formativa e subsidie a atuação de professores regentes e da educação especial na promoção de práticas pedagógicas inclusivas voltadas ao atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

3. MÉTODO

3.1 Desenho do estudo

Este estudo seguiu o modelo ADDIE de desenho instrucional como guia para elaboração de conteúdo. O modelo ADDIE é uma metodologia amplamente utilizada para planejar, desenvolver e implementar ações formativas de maneira sistemática, eficaz e adaptável. Ele é composto por cinco fases: Análise, Design (Desenho), Desenvolvimento, Implementação e Avaliação, que, integradas, orientam a construção de experiências de aprendizagem mais alinhadas às necessidades do público-alvo.^{22,23}

Este trabalho foi desenvolvido até a fase de implementação do ADDIE, a última fase de avaliação será realizada posteriormente pelo setor de Extensão da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), com base nos retornos dos participantes e nas observações colhidas após a conclusão da oficina.

Na fase de Análise, foram identificadas as necessidades formativas dos professores da rede pública quanto ao acolhimento e à atuação pedagógica com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir das informações dos gestores de educação do município, fornecidas ao setor de Extensão da FPS, associada à literatura especializada já mencionada, constatou-se uma carência significativa de formação continuada com foco em práticas baseadas em evidências, especialmente voltadas à Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Também se levantaram aspectos contextuais relevantes, como a realidade da sala de aula, os recursos disponíveis e os desafios enfrentados pelos docentes no cotidiano escolar, o que permitiu construir um perfil mais preciso do público-alvo e orientar as decisões pedagógicas seguintes.

Na etapa de Design (desenho), foram definidos os objetivos instrucionais da oficina, a estrutura geral dos conteúdos e os métodos de ensino mais adequados ao público-alvo. A oficina foi organizada em módulos com foco em conceitos fundamentais da ABA, estratégias práticas para a gestão de comportamentos, uso de reforçadores, análise funcional do comportamento e construção de rotinas pedagógicas adaptadas. Optou-se por um formato participativo, com ênfase em metodologias ativas, como discussões em grupo, estudos de caso e simulações. Também foram definidos os instrumentos de apoio (slides, fichas de registro, material visual de apoio) e os critérios de acompanhamento da aprendizagem.

Na fase de Desenvolvimento, os conteúdos planejados foram elaborados de forma concreta e detalhada. Foram produzidos os materiais didáticos utilizados durante a oficina, como apresentações, guias de aplicação, exercícios práticos e recursos visuais. Também foram

organizados os recursos logísticos, como cronograma, ambientação da sala, materiais de apoio e estrutura técnica necessária para a realização das atividades. Todo o conteúdo foi pensado para ser acessível, contextualizado e aplicável ao cotidiano dos professores, promovendo a transferência efetiva do conhecimento para a prática pedagógica.

A fase de Implementação consistiu na realização da oficina com professores de atendimento educacional especializado da rede pública de um município do Agreste Pernambucano. A oficina foi conduzida em formato presencial, com duração adaptada à disponibilidade dos participantes e ao cronograma institucional. Durante a implementação, foram promovidas dinâmicas que estimularam a troca de experiências entre os docentes, bem como a experimentação de técnicas derivadas da ABA, como reforçamento positivo, uso de *timers* e análise funcional. A mediação buscou estimular o protagonismo docente, a reflexão crítica e a construção coletiva de soluções pedagógicas para os desafios da inclusão.

A fase de Avaliação, conforme previsto no modelo ADDIE, será realizada posteriormente e está sob responsabilidade do setor de Extensão da FPS. Essa etapa envolverá a aplicação de instrumentos de feedback e avaliação de impacto, como questionários, entrevistas e possíveis retornos qualitativos dos participantes. O objetivo será verificar a eficácia da oficina na promoção de conhecimentos e competências voltadas à inclusão de alunos com TEA, além de identificar pontos de melhoria para futuras edições da ação formativa.

3.2 Local

O estudo foi realizado na Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, que conta com nove cursos de graduação na área da saúde, além de cinco cursos de pós-graduação e dois de mestrado. O Mestrado Psicologia da Saúde já se encontra em sua nona turma. Essa instituição de ensino superior (IES) especializada em saúde utiliza o método de aprendizagem baseado em problemas (ABP) e outras metodologias ativas em todos os seus cursos, e fica localizada na cidade de Recife – Pernambuco.

3.3 População alvo

O estudo foi inicialmente planejado para abranger 120 professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da rede pública de ensino do município de Feira Nova, em Pernambuco. No entanto, participaram efetivamente da oficina 75 professores. O município possui uma população de 21.427 habitantes, sendo 1,2% da população de Feira Nova com o

diagnóstico de TEA, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).^{4, 24}

3.4 Período

O estudo foi desenvolvido em todas as suas etapas de março de 2025 a maio de 2025. A oficina com os professores foi realizada em abril de 2025.

3.5 Aspectos éticos

Esta pesquisa não envolve coleta de dados pessoais, relatos de experiências, opiniões ou qualquer outra forma de informação que permita a identificação direta ou indireta dos participantes. Trata-se de uma ação formativa, visando à melhoria do processo educativo, cujo foco está na elaboração e aplicação de um produto educacional, sem fins de investigação empírica sobre os participantes. Em conformidade com a Resolução nº 510/2016²⁵, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas em ciências humanas e sociais, a atividade descrita se enquadra no Art. 1º, parágrafo único, inciso VII, sendo, portanto, dispensada de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Ainda assim, foram assegurados os princípios éticos fundamentais na condução da oficina, como o respeito à dignidade, à voluntariedade e à confidencialidade dos envolvidos, com ampla divulgação dos objetivos e da natureza da ação formativa. Sua proposta educativa e o foco na elaboração de um produto com amplo alcance e aplicabilidade reforçam o compromisso social e ético com a promoção da inclusão escolar e a disseminação da análise do comportamento aplicada no Brasil. Além disso, os riscos envolvidos na participação foram mínimos, restringindo-se a eventuais desconfortos ao compartilhar experiências profissionais durante as atividades.

4. RESULTADOS

Os resultados desta dissertação materializam-se na elaboração e implementação de dois produtos técnicos complementares, apresentados de forma detalhada nos Apêndices A e B. O primeiro corresponde à oficina de curta duração intitulada *Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo*, concebida como ação formativa piloto. O segundo refere-se ao *Manual do Facilitador da Oficina*, desenvolvido como material didático e instrucional estruturado para garantir replicabilidade e ampliação do alcance da proposta.

A oficina foi planejada para atender até 120 professores da rede pública municipal, tendo contado com a participação efetiva de 75 profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e mediadores pedagógicos. Embora o número de participantes tenha sido inferior ao inicialmente previsto, a adesão expressiva evidencia o reconhecimento da relevância temática e a demanda concreta por formação continuada em práticas inclusivas fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Como pesquisadora, comprehendo que o caráter piloto da experiência foi essencial para avaliar a viabilidade logística, estrutural e metodológica da proposta, permitindo observar a adequação do formato, o tempo de duração, a organização dos conteúdos e a receptividade dos docentes.

Durante o desenvolvimento das atividades, foi possível identificar engajamento ativo dos participantes nas discussões, nas dinâmicas e nos estudos de caso apresentados. As dramatizações, a exemplificação prática do uso de reforçadores sociais e tangíveis e a demonstração de ferramentas baseadas na ABA, como economia de fichas, cartões visuais (cards), rotinas estruturadas e timers, favoreceram a articulação entre fundamentação teórica e aplicação prática. Esse movimento contribuiu para que os docentes ampliassem sua compreensão acerca da funcionalidade das estratégias comportamentais no contexto escolar, reconhecendo possibilidades concretas de intervenção frente às demandas educacionais de estudantes com TEA.

Os relatos espontâneos e as interações observadas ao longo da oficina indicaram que a experiência formativa promoveu reflexão crítica sobre práticas já utilizadas e suscitou a incorporação de novos recursos pedagógicos. Nesse sentido, a proposta demonstrou que pode ser efetiva na ampliação do repertório profissional dos educadores, especialmente ao oferecer instrumentos aplicáveis à realidade das salas de aula da rede pública. Mais do que transmissão de conteúdo, a oficina constituiu um espaço de construção coletiva de saberes, no qual teoria, experiência docente e ciência do comportamento dialogaram de maneira integrada.

O segundo produto técnico, o Manual do Facilitador (Apêndice B), representa uma etapa estratégica da pesquisa, pois consolida e sistematiza a experiência formativa. Elaborado

com base nas necessidades identificadas e estruturado segundo princípios de desenho instrucional, o manual apresenta o passo a passo da oficina, orientações metodológicas, exemplos práticos, sugestões de materiais acessíveis e indicações complementares para aprofundamento teórico. Sua finalidade é garantir a replicabilidade da proposta, possibilitando que outros profissionais implementem a oficina em diferentes contextos educacionais, respeitando as especificidades locais.

Ao sistematizar o conteúdo e oferecer um roteiro estruturado, o manual amplia o impacto social da pesquisa, transformando a experiência pontual em instrumento de formação continuada potencialmente sustentável. Assim, os dois produtos técnicos não se configuram apenas como exigências formais de um mestrado profissional, mas como dispositivos concretos de intervenção social, capazes de fortalecer práticas pedagógicas inclusivas fundamentadas em evidências científicas.

A experiência também evidenciou o potencial da articulação entre universidade e poder público, por meio da parceria entre a Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) e a Prefeitura de Feira Nova. Essa aproximação reforça o compromisso social da pesquisa aplicada, ao traduzir conhecimento científico em ações formativas direcionadas às necessidades reais da rede pública. Dessa forma, tanto a oficina quanto o manual constituem respostas técnicas e contextualizadas às demandas da inclusão escolar, contribuindo para a qualificação docente, para a promoção da equidade educacional e para a valorização da neurodiversidade no ambiente escolar.

Em síntese, os resultados desta dissertação demonstram que é possível desenvolver produtos educacionais fundamentados na ciência do comportamento, contextualizados à realidade da escola pública e comprometidos com a transformação social, consolidando uma proposta formativa que articula teoria, prática e responsabilidade social.

A oficina desenvolvida neste estudo foi planejada para atender até 120 professores da rede pública, porém contou com a participação efetiva de 75 profissionais de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e mediadores pedagógicos. Ainda que o número tenha sido inferior ao previsto, a adesão significativa evidencia o interesse e a necessidade de formação continuada sobre práticas inclusivas e estratégias baseadas na análise do comportamento aplicada (aba). O caráter de oficina piloto foi fundamental para testar a viabilidade logística, estrutural e metodológica da proposta, além de permitir observar a receptividade e o engajamento do público-alvo.

Durante o desenvolvimento das atividades, foi possível identificar o envolvimento dos professores nas discussões, dinâmicas e estudos de caso. As dramatizações, o uso de

reforçadores tangíveis e sociais e a aplicação de recursos visuais (como rotinas visuais, timers e economia de fichas) favoreceram a aproximação entre teoria e prática. Essa dinâmica facilitou a compreensão de como princípios da aba podem ser incorporados ao cotidiano escolar, promovendo mudanças na percepção e na atuação dos docentes frente às demandas da inclusão de alunos com tea. Os relatos espontâneos dos participantes indicaram que a oficina proporcionou reflexão crítica e aprendizagem significativa, demonstrando que a proposta pode ser efetiva para ampliar o repertório pedagógico e fortalecer o manejo de práticas inclusivas.

Além da experiência formativa presencial, foi elaborado o manual do facilitador, segundo produto técnico do estudo. O manual sistematiza o conteúdo abordado, descreve as atividades e apresenta exemplos práticos de aplicação, oferecendo um roteiro acessível para replicações futuras. Esse material possibilita que a oficina ultrapasse a dimensão acadêmica e se transforme em um instrumento de disseminação de conhecimento, favorecendo a formação de outros grupos de educadores e a implementação de práticas pedagógicas embasadas em evidências científicas.

A experiência demonstrou também o potencial de articulação entre universidade e comunidade, resultado da parceria entre a Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) e a prefeitura de feira nova. Essa aproximação reforça o compromisso social do mestrado profissional, ao traduzir a produção acadêmica em ações concretas que atendem às necessidades educacionais reais da rede pública. Dessa forma, tanto a oficina quanto o manual representam produtos técnicos que dialogam diretamente com a realidade escolar, contribuindo para o fortalecimento da inclusão, para a equidade no acesso à aprendizagem e para a valorização da neurodiversidade nas escolas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido ao longo desta dissertação, por meio da elaboração e implementação de dois produtos técnicos voltados à formação de professores do Atendimento Educacional Especializado que atuam com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscou oferecer contribuições concretas, aplicáveis e cientificamente fundamentadas para o enfrentamento dos desafios da inclusão escolar. Mais do que uma produção acadêmica, o trabalho constituiu uma resposta estruturada a uma demanda real da rede pública de ensino, articulando universidade e comunidade em torno de um objetivo comum: qualificar práticas pedagógicas e fortalecer o direito à aprendizagem.

A oficina formativa, concebida como primeiro produto técnico, demonstrou o potencial de propostas pedagógicas baseadas em metodologias participativas e ancoradas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Ao integrar exposição dialogada, dramatizações, estudo de casos e demonstrações práticas de estratégias como economia de fichas, uso de cards visuais, timers e reforçadores sociais, a formação favoreceu a aproximação entre teoria e prática, ampliando o repertório de intervenção dos docentes. O caráter vivencial da oficina possibilitou que os professores refletissem criticamente sobre suas próprias práticas, reconhecessem desafios cotidianos e identificassem alternativas concretas para o manejo pedagógico de estudantes com TEA. Nesse sentido, a proposta revelou-se socialmente relevante por promover não apenas transmissão de conteúdo, mas desenvolvimento profissional contextualizado e sensível à realidade escolar.

A incorporação dos princípios da ABA à prática pedagógica representa o acesso a uma ciência consolidada, com quase um século de desenvolvimento, reconhecida internacionalmente como prática baseada em evidências para o ensino de pessoas com TEA. Integrar os conhecimentos da Educação Especial na perspectiva inclusiva com os fundamentos da Análise do Comportamento não é apenas possível, mas necessário. Essa articulação fortalece a atuação docente ao oferecer estratégias de ensino sistematizadas, testadas experimentalmente e adaptáveis às diferentes necessidades de aprendizagem. Ao unir esses dois campos do saber, amplia-se o alcance das práticas educacionais e reafirma-se o compromisso com uma escola que concretiza, de fato, o direito de aprender para todos.

O Manual do Facilitador, segundo produto técnico desta dissertação, consolida e amplia o impacto da proposta. Elaborado com base nas necessidades formativas identificadas e estruturado para garantir replicabilidade, o manual apresenta roteiro detalhado da oficina, orientações práticas, exemplos ilustrativos, sugestões de materiais acessíveis e indicações complementares que enriquecem o processo formativo. Sua construção pautou-se na

aplicabilidade e na possibilidade de generalização das estratégias para diferentes contextos educacionais, respeitando especificidades locais e perfis docentes diversos. Ao sistematizar a experiência e transformá-la em material estruturado, o manual assegura que o conhecimento produzido não se limite a uma experiência pontual, mas se converta em instrumento de formação continuada, com potencial de alcance ampliado.

A contribuição social dos produtos técnicos elaborados manifesta-se na qualificação da prática pedagógica e, consequentemente, na melhoria das oportunidades educacionais para crianças com TEA. Investir na formação de professores implica investir na promoção da equidade, na redução de barreiras à aprendizagem e na construção de ambientes escolares mais responsivos, estruturados e acolhedores. Dessa forma, esta dissertação reafirma o papel da Psicologia da Saúde na interface com a Educação, ao contribuir para políticas e práticas que impactam diretamente o desenvolvimento, o bem-estar e a inclusão de populações neurodivergentes.

Por fim, este trabalho evidencia a importância de iniciativas formativas que sejam cientificamente embasadas, socialmente comprometidas e pedagogicamente sensíveis. A oficina e o manual representam produtos técnicos que dialogam com a realidade da escola pública brasileira e oferecem caminhos concretos para o fortalecimento da educação inclusiva. Ao integrar ciência, prática e compromisso social, esta pesquisa se posiciona não apenas como um registro acadêmico, mas como uma proposta de ação transformadora, alinhada aos princípios de equidade, diversidade e respeito às singularidades de cada estudante.

REFERÊNCIAS

Shaw KA, Williams S, Patrick ME, et al. Prevalence and early identification of autism spectrum disorder among children aged 4 and 8 years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 16 sites, United States, 2022. *MMWR Surveill Summ*. 2025;74(SS-2):1–22. doi:10.15585/mmwr.ss7402a1

Council of Autism Service Providers (CASP). Applied behavior analysis practice guidelines for the treatment of autism spectrum disorder [Internet]. 3rd ed. Lexington: CASP; 2024. Disponível em: <https://www.casproviders.org/asd-guidelines/> [acessado em 22 out. 2023].

Hume K, Steinbrenner RJ, Odom SL, Morin KL, Nowell SW, Tomaszewski B, et al. Evidence-based practices for children, youth, and young adults with autism: third generation review [Internet]. *J Autism Dev Disord*. 2021 jan;51:4013–32. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-020-04844-2> [acessado em 7 abr. 2023].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista: resultados preliminares da amostra [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102178.pdf> [acessado em 25 mai 2025].

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2024: notas estatísticas. Brasília (DF): Inep; 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf [acessado em 23 mar. 2025]

Braga-Kenyon P, Kenyon SE, Miguel CF. Análise comportamental aplicada (ABA): um modelo para a educação especial. In: Camargos Jr W, editor. Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º milênio [Internet]. 2. ed. Brasília: CORDE; 2005. p. 148–54. Disponível em: <https://www.academia.edu/15146232> [acessado em 7 abr. 2023].

Ortega F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Cienc Saude Colet*. 2009;14:67–77. doi:10.1590/S1413-81232009000100012

Coutinho MC, Tessaro M. Percepção de professores acerca do processo de inclusão de alunos neurodivergentes [Internet]. *Rev Pedagógica*. 2024 nov 29;26(1):e7871. Disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7871> [acessado em 23 mar. 2025].

Abdullah, Musdiani, Putra M, Sari SM. Competência pedagógica, grupos de trabalho de professores e motivação: sua influência no desempenho do ensino em escolas estaduais de ensino fundamental [Internet]. *Jurnal Komdik*. 2024 jan 31;8(1):60–74. Disponível em: <https://journal.univetbantara.ac.id/index.php/komdik/article/view/5506> [acessado em 23 mar. 2025].

Rodrigues D. Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus; 2005.

Aranha MSF. Educação inclusiva: do que estamos falando? In: Mantoan MTE, organizadora. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna; 2005.

Gillespie-Lynch K, Kapp SK, Brooks PJ, Pickens J, Schwartzman B. Whose expertise is it? Evidence for autistic adults as critical autism experts. *Front Psychol*. 2017;8:438. doi:10.3389/fpsyg.2017.00438

Kapp SK, Gillespie-Lynch K, Sherman LE, Hutman T. Deficit, difference, or both? *Autism and neurodiversity*. *Dev Psychol*. 2013;49(1):59. doi:10.1037/a0028353

Cooper JO, Heron TE, Heward WL. *Applied behavior analysis*. 3rd ed. London: Pearson; 2020.

Walker VL, Chung YC, Bonnet LK. Function-based intervention in inclusive school settings: a meta-analysis. *J Posit Behav Interv*. 2017;20(4):203–16. doi:10.1177/1098300717718350

Lahmiyed Y, Slimani N, Anasse K. From awareness to action: fostering inclusivity for students with disabilities. *Int J Engl Lang Stud*. 2024;6(3):6–10. doi:10.32996/ijels.2024.6.3.2. Disponível em: <https://al-kindipublisher.com/index.php/ijels/article/view/7493> [acessado em 19 abr. 2025].

Brito LL, Elias NC. Repertório de professores do atendimento educacional especializado sobre autismo e análise do comportamento [Internet]. *Rev Educ Espec*. 2023 out 11;36(1):e54/1–31. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71273> [acessado em 19 abr. 2025].

Vega LB da S, Schirmer SN. Oficinas ecopedagógicas: transformando as práticas educativas diárias nos anos iniciais [Internet]. REMEA. 2013 set 17;20. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3856> [acessado em 19 abr. 2025].

Pinheiro NV, Sellin WD, Silva FDT, Silva CF da CR da. Revisitando a oficina pedagógica como metodologia de ensino e aprendizagem: aportes teóricos e indicações metodológicas [Internet]. REVEDUC. 2024 dez 4;18(1):e6406201. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6406> [acessado em 19 abr. 2025].

Cardoso LR, Faria DSE. Oficinas pedagógicas: tecnologias aplicadas na educação para formação de docentes. In: Seminário Científico do UNIFACIG; 2019 nov 7–8; Manhuaçu, MG. Manhuaçu: UNIFACIG; 2019.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas* [Internet]. Brasília: MEC; 2005. 180 p. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/136> [acessado em 19 abr. 2025].

Freitas R. Produtos educacionais na área de ensino da CAPES: o que há além da forma? [Internet]. PROFEPT. 2021 set 24;5(2):5–20. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/1229> [acessado em 19 abr. 2025].

Barreiro RMC. Um breve panorama sobre o design instrucional [Internet]. *EaD en Foco*. 2016 ago 26;6(2). Disponível em:

<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/375> [acessado em 19 abr. 2025].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). População estimada para os municípios e para as unidades da federação brasileiros em 01.07.2024 [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br> [acessado em 18 abr. 2025].

Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016.

Ribeiro MJFX, Carmo JS. Apresentação. In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 7-12.

Rodrigues ME. Behaviorismo Radical, Análise do Comportamento e Educação: o que precisa ser conhecido? In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 37-72.

APÊNDICE A - OFICINA: PRÁTICAS EDUCACIONAIS E ABA NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Profissionais responsáveis pela aplicação pioneira:

Clara Sobreira Pereira Nogueira, CRP 02/15809

Psicóloga pela FAFIRE há mais de 13 anos

Neuropsicóloga pela FPS;

Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao TEA e DI pela FPS

Estudante do Mestrado em Psicologia da Saúde na FPS;

Experiência como psicoterapeuta nas abordagens comportamentais e contextuais ao público infantil e adulto, espacialmente e atualmente com pessoas neurodivergentes;

Experiência como acompanhante terapêutico escolar, domiciliar e clínico em ABA; experiência como coordenadora ABA; atualmente na função Supervisora ABA há mais de 5 anos;

Fundadora, CEO e Diretora Clínica da Be Live - Conhecimento Aprendizagem e sentido

Rebeca Sobreira Pereira Nogueira, CRP 02/22766

Psicóloga desde 2019 pela UFPE e FAFIRE

Especialista em Análise do Comportamento Aplicada à TEA e DI

Trajetória iniciada nos EUA em 2016 como acompanhante terapêutica

Experiência internacional (USA, Irlanda) e nacional (PE, RN) em atendimentos clínicos, intervenção parental, avaliação comportamental, e em Intervenção ABA (Análise do Comportamento Aplicada).

Atuante com público infantojuvenil com transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Fundadora e CEO da Equipe Rebeca Sobreira

Católica, casada, autista, TDAH, AH/SD

INTRODUÇÃO

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade, sendo sua qualidade diretamente influenciada pela formação e práticas pedagógicas dos profissionais envolvidos. Na rede pública de ensino, muitos professores enfrentam desafios relacionados à diversidade de necessidades dos alunos, à gestão de sala de aula, à falta de

recursos e, muitas vezes, à escassez de capacitação contínua. Coutinho¹, em seu estudo realizado no sul do Brasil, chega à conclusão de que os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem, apontados pelos professores, incluem comportamento dos alunos, dificuldades pedagógicas, pouca participação da família na escola, comunicação, socialização e adequação à rotina escolar.

O estudo de Abdullah et al² revela que, para além do treinamento pedagógico, os grupos de trabalho entre professores e motivação para o trabalho gera um impacto significativo no desempenho docente. Segundo Rodrigues³, o educador deve assumir um papel ativo na identificação das necessidades de cada aluno e na adaptação das práticas pedagógicas para atendê-las. Aranha⁴ ressalta a importância da formação contínua dos professores em educação inclusiva, destacando que o conhecimento e a sensibilização são fundamentais para a inclusão efetiva. Além disso, a colaboração entre professores, pais e profissionais de saúde é vital nesse processo inclusivo.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizado por desafios na comunicação, na interação social e em padrões de comportamento restritos ou repetitivos. De acordo com os dados mais recentes do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC)⁵ dos Estados Unidos, a prevalência do TEA tem aumentado nos últimos anos, atingindo 1 em cada 36 crianças de 8 anos em 2020. Esses estudos também mostraram que, além do número de crianças autistas ter crescido, o diagnóstico também está mais tardio. O TEA é relatado como ocorrendo em todos os grupos raciais, étnicos e socioeconômicos. Esse crescimento reforça a necessidade de preparar os profissionais da educação para não só atender adequadamente esses alunos, como auxiliar seja na identificação precoce ou tardia dessas crianças. Cada criança com TEA apresenta um perfil único de habilidades e dificuldades, o que demanda dos professores estratégias individualizadas e um ambiente de aprendizado adaptado.

Apesar do avanço nas políticas públicas de inclusão, muitos professores da rede pública ainda enfrentam dificuldades para adaptar suas práticas pedagógicas, muitas vezes devido à falta de formação específica e de recursos adequados. Esse cenário destaca a importância de investimentos contínuos em capacitação e infraestrutura para garantir um ensino mais inclusivo e acessível. O desconhecimento sobre as características do TEA e as metodologias mais eficazes para trabalhá-lo na sala de aula também limita a criação de um ambiente de ensino eficiente.

A abordagem da neurodiversidade propõe um modelo biopsicossocial, distanciando-se do entendimento puramente biomédico do Transtorno do Espectro Autista (TEA).⁶ Em vez

de focar apenas nos sintomas, ela considera o TEA como parte da identidade do indivíduo, reconhecendo tanto as dificuldades quanto os pontos fortes dos autistas. Em vez de tratar os sintomas como "déficits", o movimento busca uma inclusão social que respeite as necessidades e capacidades de cada pessoa com TEA, destacando a importância de compreender como esses indivíduos processam estímulos e se comunicam.⁷

Estudos mostram que, muitas vezes, as pessoas neurotípicas não entendem comportamentos repetitivos ou de autorregulação de autistas, como formas de lidar com desafios sensoriais.^{8,9} Isso reforça a necessidade de uma maior sensibilidade para interpretar os comportamentos de quem está no espectro, a fim de melhorar as práticas inclusivas. Além disso, a construção da identidade autista, defendida pela neurodiversidade, destaca a importância de respeitar a autopercepção dos indivíduos com TEA, que podem vivenciar conflitos internos entre os movimentos pró-cura e pró-neurodiversidade^{7, 9, 10}

Esse olhar mais holístico sobre o TEA ajuda a promover um ambiente mais inclusivo, onde a identidade autista é reconhecida e valorizada, não apenas em termos de limitações, mas também de habilidades e contribuições únicas.¹¹ Dessa forma, o conhecimento das particularidades de cada indivíduo é essencial para a promoção de uma inclusão verdadeira e respeitosa.

Nesse cenário, a implementação de estratégias baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) pode oferecer compreensão, avaliação e técnicas eficazes para direcionar a aprendizagem no ambiente escolar, inclusive no caso de alunos com neurodivergências, como o TEA. A ABA é o ramo aplicado da ciência da Análise do Comportamento e constitui uma abordagem sistemática de ensino e intervenção de comportamentos socialmente relevantes. Utiliza métodos de investigação científica, incluindo a descrição objetiva do comportamento, sua quantificação e a experimentação controlada para avaliar a efetividade das intervenções.^{12,13,14}

A ABA tem sido amplamente estudada e aplicada com eficácia no atendimento a pessoas com desenvolvimento neurodivergente, especialmente no contexto do TEA. Centenas de estudos e revisões publicados nas últimas cinco décadas demonstram efeitos positivos, a curto e longo prazo, da aplicação intensiva e precoce da ABA — como a redução de comportamentos desadaptativos e a promoção de habilidades de comunicação, autonomia e aprendizagem. Por esse motivo, a ABA é considerada uma prática baseada em evidências e reconhecida como padrão ouro no cuidado e desenvolvimento de pessoas com TEA.^{12,13,14}

Embora sua origem e maior visibilidade estejam no contexto clínico, a ABA tem se consolidado, no Brasil, como uma abordagem promissora também no campo educacional. Nas

últimas duas décadas, observa-se uma ampliação significativa do uso da ABA em escolas, programas de formação docente e projetos de inclusão escolar. Essa abordagem oferece uma variedade de ferramentas para promover comportamentos acadêmicos, sociais e adaptativos, por meio de estratégias como reforço positivo, análise funcional do comportamento, ensino por tentativas discretas, modelagem e encadeamento de tarefas^{15,16}. A proposta de ensino estruturado, individualizado e baseada na observação direta do comportamento torna a ABA especialmente relevante para lidar com a diversidade de perfis de aprendizagem presentes nas salas de aula brasileiras.

Além da clínica, a ABA tem ampla aplicação em contextos educacionais, sendo utilizada no ensino de habilidades acadêmicas, no gerenciamento de comportamentos e no desenvolvimento de planos educacionais individualizados. Também é empregada em contextos organizacionais por meio da Gestão do Comportamento Organizacional, do inglês, Organizational Behavior Management (OBM), visando à melhoria de desempenho e segurança ocupacional¹⁸ (Daniels & Bailey, 2014). No campo da saúde, a ABA tem se mostrado eficaz na adesão a tratamentos médicos, na cessação do tabagismo e na promoção de hábitos saudáveis¹²

No Brasil, a aplicação da ABA na educação inclusiva tem sido especialmente relevante para apoiar o trabalho de professores da educação básica, em especial os que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Estudos apontam que, ao aplicar os princípios da ABA, os docentes conseguem desenvolver intervenções pedagógicas mais eficazes, promovendo a inclusão escolar de alunos com autismo, deficiência intelectual e dificuldades de aprendizagem, com base em práticas validadas cientificamente (13,17). Programas de formação docente baseados em ABA vêm sendo implementados em redes públicas de ensino, ampliando o repertório técnico dos professores, favorecendo a comunicação funcional dos estudantes e fortalecendo sua autonomia. Assim, a integração da ABA ao campo educacional representa uma resposta concreta, ética e eficaz às demandas da escola inclusiva no Brasil, promovendo equidade, ciência e respeito às singularidades de cada aluno.

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é o ramo aplicado da ciência da Análise do Comportamento. A ABA é uma abordagem científica de avaliação, intervenção e ensino de comportamentos socialmente relevantes. Ela se utiliza de métodos de investigação científica, que são: descrição objetiva dos comportamentos a serem investigados, quantificação e experimentação controlada.^{12, 13, 14}

A ABA vem sendo amplamente estudada e utilizada, com muita eficácia, no atendimento a pessoas com desenvolvimento neurodivergente, com resultados comprovados e eficazes em âmbito nacional e internacional em intervenção com indivíduos dentro do

Transtorno do Espectro Autista (TEA). Centenas de estudos e revisões publicados nos últimos 50 anos, apontam para os efeitos positivos a curto e longo prazo da aplicação intensiva e precoce, reduzindo comportamentos mal adaptativos ou que interferem na aprendizagem do indivíduo autista. A ABA está, então, dentre as práticas baseadas em evidências, considerada como padrão ouro nos cuidados e desenvolvimento das pessoas no TEA.^{12, 13, 14}

A ABA, embora amplamente conhecida no contexto clínico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), tem se consolidado no Brasil como uma abordagem promissora e fundamentada também no campo educacional. Seu uso na educação tem se expandido especialmente nas últimas duas décadas, com crescente produção acadêmica e formação de profissionais interessados em alinhar práticas pedagógicas aos princípios científicos do comportamento. ABA oferece uma gama de ferramentas para a promoção de comportamentos acadêmicos, sociais e adaptativos, por meio de estratégias como reforço positivo, análise funcional do comportamento, ensino por tentativas discretas, encadeamento de tarefas e modelagem de habilidades^{15,16}. A proposta de ensino estruturado, individualizado e baseado na observação direta e sistemática do comportamento torna essa abordagem especialmente relevante para lidar com a diversidade de perfis de aprendizagem presentes nas escolas brasileiras.

No contexto da educação inclusiva, a ABA tem sido utilizada como suporte essencial para o trabalho de professores da educação básica, especialmente os que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Estudos nacionais apontam que, ao aplicar os princípios da ABA, os docentes conseguem desenvolver intervenções mais eficazes, promovendo a inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual, autismo e dificuldades de aprendizagem, com base em evidências científicas^{13, 17}. Além disso, programas de formação docente baseados em ABA vêm sendo implementados em redes públicas de ensino, proporcionando aos educadores maior repertório técnico e sensibilidade para lidar com comportamentos desafiadores, favorecer a comunicação funcional e ampliar a autonomia dos estudantes. A integração da ABA à prática pedagógica, portanto, não se limita ao campo clínico, mas representa uma resposta concreta e ética às demandas da escola inclusiva no Brasil, promovendo equidade e respeito às singularidades dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

A Análise do Comportamento oferece ferramentas teóricas e metodológicas para compreender e intervir nos processos de ensino-aprendizagem, focando na relação entre comportamento e ambiente. No contexto educacional, essa abordagem permite desenvolver práticas pedagógicas baseadas em evidências, favorecer a aprendizagem de habilidades acadêmicas e sociais, aprimorar a relação professor-aluno e criar estratégias para inclusão escolar.^{15,16}

A oficina proposta se apoiou nos princípios do Behaviorismo Radical, de B.F. Skinner, que concebe o comportamento como produto da interação entre o indivíduo e o ambiente, determinado por três níveis de seleção: filogênese (evolução da espécie), ontogênese (história individual) e cultura (práticas sociais). As principais contribuições da Análise do Comportamento para a Educação incluem: a análise funcional do comportamento, que permite identificar variáveis que influenciam o desempenho do aluno; o uso de reforçamento positivo, para aumentar a frequência de comportamentos desejados; o ensino estruturado e individualizado, com base em análise de contingências; e estratégias para ensino de repertórios básicos, como leitura, escrita e matemática, além de intervenções para inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas. A oficina buscou apresentar essas contribuições na prática, fornecendo aos professores instrumentos eficazes para aprimorar suas estratégias de ensino e criar ambientes de aprendizagem mais eficientes e inclusivos.^{15,16}

O produto técnico propôs uma oficina de capacitação externa, para professores da rede pública de uma cidade do agreste pernambucano, em princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), auxiliando na gestão da sala de aula, no desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas e na promoção de comportamentos adequados dos seus alunos autistas. A capacitação buscou ampliar a compreensão sobre as necessidades dos alunos com TEA, incentivando práticas pedagógicas mais inclusivas e reflexivas.

Além da aquisição de conhecimentos técnicos, a proposta valorizou o protagonismo docente, promovendo soluções criativas e colaborativas para os desafios da inclusão escolar. O formato participativo do workshop fortaleceu a construção de uma rede de apoio entre educadores, permitindo o compartilhamento de estratégias e recursos eficazes.

Salienta-se que ao investir na formação dos professores, este produto reforçou a importância de fornecer a esses profissionais não apenas o conhecimento técnico, mas também as condições para que possam implementar as mudanças necessárias em suas práticas diárias, proporcionando um ambiente educacional mais inclusivo e enriquecedor, que favoreça o desenvolvimento das crianças com TEA.

A necessidade de compreender e aprimorar as práticas educativas direcionadas às crianças com autismo em uma cidade do agreste pernambucano é fundamental para garantir uma inclusão eficaz. Esse processo não se limita a atender a um imperativo legal e moral, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva. Além disso, a realização do estudo e da oficina se justificou pela crescente prevalência do autismo e pela urgência de implementar práticas pedagógicas adaptadas a essa realidade. A intervenção também se mostrou essencial ao oferecer suporte e orientação aos educadores, que

frequentemente enfrentam desafios na aplicação de estratégias adequadas e se sentem desamparados ou despreparados para atender a essa demanda.

OBJETIVOS

Geral

Capacitar professores da rede pública de ensino de uma cidade do agreste pernambucano em princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para aprimorar a inclusão e o ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), promovendo estratégias baseadas em evidências para a gestão da sala de aula e o desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas.

Específicos

- Ampliar o olhar dos professores sobre a neurodiversidade, incentivando uma mudança de perspectiva sobre o TEA, de modo a valorizar as potencialidades dos alunos autistas e promover uma inclusão mais sensível e eficaz.
- Apresentar os fundamentos teóricos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e sua aplicação no contexto escolar.
- Apresentar estratégias baseadas em ABA, fundamentadas em evidências científicas, para promover a aprendizagem e a inclusão de alunos com TEA.
- Capacitar os professores na identificação de comportamentos desafiadores e sua contingência no contexto educacional.
- Ensinar aos professores as técnicas de manejo de comportamentos por meio da comunicação funcional, do reforço positivo e de outras técnicas comportamentais.
- Incentivar o protagonismo docente na adaptação das práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais dos alunos com TEA.
- Fortalecer a rede de apoio entre os professores, promovendo o compartilhamento de recursos e estratégias para a inclusão

CENÁRIO

A intervenção foi realizada em uma das salas da Faculdade Pernambucana de Saúde, onde uma das profissionais responsáveis pela oficina cursa Mestrado em Psicologia da Saúde. A sala climatizada continha cadeiras individuais para os participantes, projetor, quadro branco e mesa e cadeira de apoio para as profissionais que conduziram a Oficina.

DEMANDA

A Prefeitura da cidade de Feira Nova, em Pernambuco, em parceria com a FPS em seus projetos sociais de extensão, sinalizou a necessidade de capacitação dos agentes de ensino e mediadores pedagógicos da rede pública de educação, diante da crescente demanda de pessoas com TEA.

PÚBLICO-ALVO

Os participantes da oficina terapêutica foram 75 profissionais, sendo professores e mediadores pedagógicos da rede pública de educação da cidade de Feira Nova-PE.

TIPO DE INTERVENÇÃO

Produto educacional, isto é, ação voltada à aplicação prática do conhecimento em contextos educacionais, no caso, oficina.

METODOLOGIA

A ação foi realizada em um turno, de 4 horas, das salas da Faculdade Pernambucana de Saúde, localizada em Recife-PE, por duas profissionais de psicologia, especialistas em análise do comportamento aplicada ao autismo, sendo uma delas estudante de mestrado da instituição de ensino.

Os passos desse encontro foram distribuídos da seguinte maneira:

1) Apresentação - Tempo: 20 minutos

As profissionais se apresentaram e falaram sobre o tema da oficina e a proposta, sendo solicitado que os participantes observassem a própria dinâmica do encontro, pois ela em si já seria uma estrutura indicada à prática do educador em sala de aula. Depois, as profissionais buscaram minimamente conhecer o público quanto à sua função atual e existência ou não de alguma formação em ABA.

Técnica utilizada: Exposição dialogada

2) Introdução ao TEA - Tempo: 30 minutos

Foram abordados o que é o TEA e suas múltiplas características. Em seguida, foi discutida e refletida a diversidade dentro do espectro autista, com ênfase na observância dos pontos fortes do indivíduo, para além de seus sintomas.

Técnicas utilizadas: Exposição dialogada

3) Princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) - Tempo: 60 minutos

Inicialmente, foi solicitado que os participantes expressassem seu conhecimento acerca do tema, construindo o conhecimento em conjunto a partir das colocações. Quem participou destes momentos teve seu comportamento reforçado socialmente e com um bombom (reforço tangível). Foram abordados de forma dialogada e com apoio de slides projetados os tópicos:

- 3.1 O que é comportamento?
- 3.2. O que é tríplice contingência?
- 3.3. Identificação de antecedentes e consequências
- 3.4 Formas de aprendizagem
- 3.5 Conceito de reforço e punição
- 3.6 Compaixão na ABA e na educação

Técnicas utilizadas: Exposição dialogada, Reforço social positivo.

4) Estratégias práticas de ABA para o ensino de alunos autistas - Tempo: 90 minutos

Nesse momento, visou-se ensinar os professores a aplicarem estratégias específicas de ABA para melhorar o comportamento, comunicação e aprendizado de alunos com TEA.

Técnicas utilizadas: Exposição dialogada, análise do caso escolhido, simulação de sala de aula (role play)

4.1. Reforço Positivo e Negativo - Tempo: 20 minutos

- Exemplos de reforço verbal e material
- Como aplicar reforços eficazes na sala de aula

4.2. Treinamento de Habilidades de Comunicação - Tempo: 30 minutos

- Ensinar habilidades de comunicação funcional, mencionando a mesma como base para manejo de comportamentos problemas
- Uso de comunicação alternativa (como PECS, PODD, TD Snap®, Matriz de comunicação) –que é um conjunto de métodos e recursos utilizados para complementar ou substituir a fala em pessoas com dificuldades de comunicação oral.

Ela pode incluir gestos, símbolos, pranchas de comunicação, aplicativos e dispositivos eletrônicos.

4.3. Desenvolvimento de Habilidades Sociais e Comportamentais (30 minutos)

- Como usar ABA para ensinar comportamentos sociais e interações
- Técnicas de ensino de habilidades de funcionais e de convivência (exemplo: modelagem e encadeamento de tarefas)

Fotografia 1 - Momento da dramatização de sala de aula



Fonte: Acervo da autora

MATERIAIS

Para a realização da oficina, foram utilizados recursos como projetor, notebook para apresentações e materiais terapêuticos diversos, incluindo exemplos de rotina visual, economia de fichas e timer, que auxiliam na demonstração prática das estratégias de ABA. Também foram empregados balões de sopro, utilizados na vivência final, e bombons, que serviram como reforçadores tangíveis simbólicos ao longo da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, a avaliação foi realizada de maneira dialogada, com a retomada dos objetivos iniciais da oficina e o uso de perguntas disparadoras voltadas à reflexão crítica e ao incentivo à prática. Essa abordagem visou não apenas verificar a compreensão do conteúdo, mas também impulsionar o engajamento dos participantes em ações concretas no contexto escolar, alinhadas aos princípios da ética, da inclusão e da compaixão na intervenção com alunos com TEA.

As estratégias de ensino adotadas na oficina foram fundamentadas nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), com ênfase na criação de um ambiente instrucional estruturado, previsível e responsivo às necessidades dos participantes. A utilização de reforçadores sociais e comestíveis teve como objetivo promover o engajamento e fortalecer

respostas compatíveis com os objetivos de aprendizagem, conforme preconizado por Cooper, Heron e Heward¹³.

A rotina da oficina foi organizada com apresentações breves e estruturadas, uso de timer visual para indicar transições entre as atividades e garantir previsibilidade — elemento fundamental para pessoas neurodivergentes e também eficaz na formação de professores. Foram utilizadas técnicas como exposição dialogada, encenação de situações didáticas, e demonstração de recursos terapêuticos com aplicabilidade educacional, como o sistema de economia de fichas e cards visuais para modulação de voz e outras habilidades sociais. A abordagem foi complementada com a apresentação de casos reais vivenciados em contextos escolares, os quais favoreceram a reflexão crítica dos participantes e a aproximação com a prática docente. Tais estratégias se alinham à proposta de ensino-aprendizagem ativa e funcional da ABA, promovendo a generalização dos conteúdos para o contexto profissional dos professores.

As estratégias para ensino-aprendizagem apresentadas nas oficinas auxiliam na mudança dos métodos do ensino tradicionais, com o objetivo de ajudar os alunos na construção do conhecimento, e alcançar o melhor aproveitamento possível e fixar o conteúdo de uma forma mais lúdica e divertida nas salas de aula.

Como encerramento simbólico da oficina, foi realizada a dinâmica “O que uma criança precisa que eu não esqueça”, na qual cada participante escreveu, em um balão, uma palavra ou frase curta representando algo essencial que uma criança precisa de um educador — como “acolhimento”, “escuta” ou “paciência”. Após inflarem os balões, os participantes foram convidados a refletir sobre a importância de manter viva essa lembrança em meio aos desafios cotidianos da prática educativa. A dinâmica, breve e afetiva, buscou reforçar o propósito ético e compassivo da atuação pedagógica junto a crianças com TEA, destacando que, mais do que técnicas, são os valores e a presença sensível do educador que promovem vínculos e transformam experiências. Ao final, os balões foram soltos simultaneamente na sala como gesto coletivo de compromisso com uma educação mais humana e significativa.

Fotografia 2 - Momento final da oficina, com os participantes



Fonte: Acervo da autora

O planejamento desta oficina gerou um guia aos participantes sobre as etapas desta. O material está indexado no Repositório Salus da Faculdade Pernambucana de Saúde, e pode ser acessado gratuitamente, fortalecendo o compromisso institucional com a produção e disseminação de recursos educacionais abertos e baseados em evidências

Nogueira CSP, Nogueira RSP, Barbosa LNF. Guia de práticas educacionais e ABA na inclusão escolar de crianças com autismo [Internet]. Recife: Faculdade Pernambucana de Saúde; 2025. Disponível em: <https://repositorio.fps.edu.br/handle/4861/1218>

Fotografia 3 – Imagem da capa do Guia dos participantes da oficina.



Guia de práticas educacionais e ABA na inclusão escolar de crianças com autismo

REFERÊNCIAS

Coutinho MC, Tessaro M. Percepção de professores acerca do processo de inclusão de alunos neurodivergentes. *Rev. Pedagógica* [Internet]. 29 de novembro de 2024 [acesso em 23 de março de 2025]; 26(1):e7871. Disponível em:
<https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7871>

Abdullah, Musdiani, Putra M, Sari SM. Competência pedagógica, grupos de trabalho de professores e motivação: sua influência no desempenho do ensino em escolas estaduais de ensino fundamental. *Jurnal Komdik* [Internet]. 31 de janeiro de 2024 [acesso em 23 de março de 2025]; 8(1):60-74. Disponível em:
<https://journal.univetbantara.ac.id/index.php/komdik/article/view/5506>

Rodrigues, D. Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2005.

Aranha, MSF. Educação inclusiva: do que estamos falando? In: MANTOAN, M. T. E. (Org.) Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2005.

Maenner MJ, Warren Z, Williams AR, et al. Prevalência e características do transtorno do espectro autista entre crianças de 8 anos — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 locais, Estados Unidos, 2020. *MMWR Surveill Summ* 2023;72(No. SS-2):1–14. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1>

Silva SC, Gesser M, Nuernberg AH. A contribuição do modelo social da deficiência para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista. *Rev Educ Artes Inclusão*. 2019;15(2):187-207.

Gillespie-Lynch K, Kapp SK, Brooks PJ, Pickens J, Schwartzman B. Whose expertise is it? Evidence for autistic adults as critical autism experts. *Front Psychol*. 2017;8:438. doi:

10.3389/fpsyg.2017.00438.

Kapp SK, Gillespie-Lynch K, Sherman LE, Hutman T. Deficit, difference, or both? Autism and neurodiversity. *Dev Psychol*. 2013;49(1):59. doi: 10.1037/a0028353.

Jones RSP, Huws JC, Beck G. 'I'm not the only person out there': insider and outsider understandings of autism. *Int J Dev Disabil*. 2013;59:134-144. doi: 10.1179/2047387712Y.0000000007.

Ortega F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2009;14:67-77.

Araujo AGR, Silva MA da, Zanon RB. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. *Psicol Esc Educ* [Internet]. 2023;27:e247367. Available from: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247367>.

Cooper, JO, Heron, T, Heward, W. *Applied Behavior Analysis*. 3. ed. [s.l.] Pearson, 2020.

Braga-Kenyon, P.; Kenyon, SE.; Miguel, CF. Análise Comportamental Aplicada (ABA) – Um Modelo para a Educação Especial. In: Camargos Jr., Walter et al. *Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio*. 2 ed. Brasília: CORDE, 2005. [acesso em 07 abr 2023]. Disponível em:

https://www.academia.edu/15146232/AN%C3%81LISE_DO_COMPORTAMENTO_APICADA_An%C3%A1lise_Comportamental_Aplicada_ABA1_Um_Modelo_para_a_Educa%C3%A7%C3%A3o_Especial

ASD Guidelines - Council of Autism Service Providers. [acesso em 07 abr. 2023] Disponível em: <<https://casproviders.org/asd-guidelines/>>.

Ribeiro MJFX, Carmo JS. Apresentação. In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 7-12.

Rodrigues ME. Behaviorismo Radical, Análise do Comportamento e Educação: o que precisa ser conhecido? In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 37-72.

Brito LL, Elias NC. Repertório de professores do atendimento educacional especializado sobre autismo e análise do comportamento. *Rev Educ Espec* [Internet]. 2023 [acesso em 17 de maio de 2025];36(1):e54. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71273>

Daniels AC, Bailey JS. *Performance management: changing behavior that drives organizational effectiveness*. 5th ed. Atlanta: Performance Management Publications; 2014.

APÊNDICE B - MANUAL DO FACILITADOR: OFICINA SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E ABA NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO

O segundo produto técnico desta dissertação consiste no Manual do Facilitador da Oficina “Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo”. Esse material foi elaborado com o propósito de orientar profissionais na condução de oficinas voltadas à capacitação de professores e mediadores pedagógicos, promovendo práticas educacionais inclusivas fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e em evidências científicas.

O manual é resultado da experiência prática vivenciada na realização de uma oficina-piloto, conduzida pela autora deste trabalho em parceria com outra profissional da área, junto a professores da rede pública de ensino do município de Feira Nova-PE. A partir dessa experiência, estruturou-se um roteiro metodológico e teórico que visa apoiar a atuação de facilitadores, contribuindo para o fortalecimento de práticas pedagógicas éticas, inclusivas e sensíveis às necessidades dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A seguir, apresenta-se o referido manual, detalhando seus objetivos, conteúdos e estratégias.

Manual do Facilitador da Oficina: Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo

Profissionais responsáveis pela aplicação pioneira:

Clara Sobreira Pereira Nogueira, CRP 02/15809

Psicóloga pela FAFIRE há mais de 13 anos

Neuropsicóloga pela FPS;

Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao TEA e DI pela FPS

Estudante do Mestrado em Psicologia da Saúde na FPS;

Experiência como psicoterapeuta nas abordagens comportamentais e contextuais ao público infantil e adulto, espacialmente e atualmente com pessoas neurodivergentes;

Experiência como acompanhante terapêutico escolar, domiciliar e clínico em ABA; experiência como coordenadora ABA; atualmente na função Supervisora ABA há mais de 5 anos;

Fundadora, CEO e Diretora Clínica da Be Live - Conhecimento Aprendizagem e sentido

Rebeca Sobreira Pereira Nogueira, CRP 02/22766

Psicóloga desde 2019 pela UFPE e FAFIRE

Especialista em Análise do Comportamento Aplicada à TEA e DI

Trajetória iniciada nos EUA em 2016 como acompanhante terapêutica

Experiência internacional (USA, Irlanda) e nacional (PE, RN) em atendimentos clínicos, intervenção parental, avaliação comportamental, e em Intervenção ABA (Análise do Comportamento Aplicada).

Atuante com público infantojuvenil com transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Fundadora e CEO da Equipe Rebeca Sobreira

Católica, casada, autista, TDAH, AH/SD

1 APRESENTAÇÃO

Este manual tem como objetivo orientar a condução da oficina “Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo”, oferecendo aos facilitadores um roteiro estruturado, fundamentado em bases teóricas e metodológicas sólidas.

O manual constitui um produto técnico resultante da dissertação de mestrado em Psicologia da Saúde, desenvolvida na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Sua elaboração foi embasada na experiência prática da oficina-piloto, conduzida pela mestrandona, psicóloga, neuropsicóloga e analista do comportamento, Clara Sobreira Pereira Nogueira, em parceria com a psicóloga e analista do comportamento, Rebeca Sobreira Pereira Nogueira. A oficina piloto foi realizada nas dependências da FPS, com a participação de professores da rede pública de ensino do município de Feira Nova-PE, atendendo a uma demanda encaminhada pela Prefeitura Municipal à FPS, com foco na capacitação de professores e mediadores pedagógicos para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Assim, este manual apresenta um roteiro passo a passo para a facilitação de oficina, direcionada a professores e mediadores pedagógicos, com o objetivo de capacitá-los e contribuir para o aprimoramento da inclusão de estudantes com TEA. Busca-se, dessa forma, fomentar a utilização de estratégias pedagógicas baseadas em evidências científicas, promovendo práticas mais qualificadas no contexto escolar.

Esse tipo de produto educativo é fundamental para favorecer a aquisição de conceitos, habilidades e atitudes que sustentem práticas pedagógicas inclusivas, éticas e científicamente

fundamentadas. O Manual do Facilitador – Oficina sobre Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo reúne conteúdos teóricos e práticos que apoiam a atuação de professores do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, visando intervenções mais qualificadas, sensíveis às necessidades dos alunos e comprometidas com a dignidade humana.

O manual descreve estratégias aplicáveis e replicáveis no contexto escolar, tais como: uso de reforço positivo, ensino por tentativas discretas, ensino incidental, modelagem, encadeamento de tarefas, treino de habilidades de comunicação e utilização de suportes visuais. Cada técnica é apresentada de forma clara, acompanhada de exemplos contextualizados à rotina escolar, favorecendo a aplicação prática e eficaz pelos educadores. Além disso, são oferecidas orientações sobre adaptação curricular, organização do ambiente escolar, estratégias de interação social e práticas pedagógicas diferenciadas, que respeitam as características individuais dos estudantes com TEA.

Destaca-se que todas as estratégias são apresentadas sob a perspectiva da ética e da compaixão, princípios fundamentais para uma aplicação responsável da Análise do Comportamento Aplicada (ABA). A intervenção escolar deve ser construída a partir da compreensão funcional dos comportamentos, valorizando as potencialidades da criança, respeitando seus limites e promovendo sua autonomia. Assim, reforça-se o compromisso com uma educação inclusiva, humanizada e alinhada aos direitos das pessoas com deficiência.

O manual também propõe reflexões sobre o cuidado emocional dos estudantes com autismo, ressaltando a importância do desenvolvimento da tolerância à frustração, da promoção de interações sociais respeitosas e do estímulo à autoestima. Tais aspectos são essenciais para o bem-estar da criança e para o fortalecimento de vínculos afetivos no ambiente escolar. Por fim, o manual recomenda uma seleção de filmes e documentários que visam ampliar a empatia e a compreensão dos educadores acerca da neurodiversidade.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A oficina proposta fundamenta-se nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), aliando evidências científicas às demandas práticas da sala de aula inclusiva. Sua estrutura segue o modelo instrucional ADDIE (Análise, Design, Desenvolvimento, Implementação e Avaliação), que assegura coerência, aplicabilidade e efetividade na formação dos professores participantes.¹

A educação, pilar essencial para o desenvolvimento social, enfrenta desafios significativos, especialmente na rede pública de ensino, onde professores lidam com a

diversidade de necessidades dos alunos, dificuldades pedagógicas, ausência de recursos e carência de capacitação contínua. Pesquisas destacam que os principais obstáculos incluem problemas comportamentais, dificuldades na participação familiar e desafios na adaptação à rotina escolar. Além disso, a motivação dos docentes e o trabalho colaborativo entre pares são fatores que impactam diretamente a qualidade do ensino. A formação contínua e a atuação ativa do educador são, portanto, indispensáveis para promover práticas pedagógicas inclusivas e efetivas, especialmente na educação de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).^{2,3,4,5}

O TEA é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por desafios na comunicação, interação social e padrões comportamentais restritos ou repetitivos.^{6,7} Dados recentes indicam um crescimento significativo na sua prevalência nos Estados Unidos e pela primeira vez no Brasil temos os dados da prevalência da população autista, reforçando a necessidade de preparar educadores para lidar com essa realidade.^{8,9}

Atualmente, no Brasil, foram contabilizadas aproximadamente 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com TEA, o que corresponde a 1,2% da população, ou seja, cerca de 1 a cada 83 brasileiros. A prevalência foi mais elevada entre os mais jovens: 2,1% entre 0 e 4 anos, 2,6% entre 5 e 9 anos, 1,9% entre 10 e 14 anos e 1,3% entre 15 e 19 anos, totalizando aproximadamente 1,1 milhão de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos com diagnóstico. Na faixa de 5 a 9 anos, destaca-se que 1 a cada 38 crianças apresenta diagnóstico de TEA. Entre os meninos dessa faixa etária, a prevalência chega a 3,8% — aproximadamente 1 a cada 26 meninos —, enquanto entre as meninas é de 1,3%, equivalente a 1 a cada 77 meninas.¹⁰

Na análise regional, o estado de Pernambuco apresentou uma prevalência de 1,2%, ou aproximadamente 1 a cada 83 pessoas diagnosticadas com TEA, mantendo-se alinhado à média nacional. Em Recife, capital do estado, o percentual foi mais elevado, chegando a 1,4%, o que corresponde a aproximadamente 1 a cada 71 pessoas com diagnóstico. Esses dados reforçam a importância do fortalecimento das políticas públicas locais, com foco em diagnóstico precoce, intervenções especializadas e a ampliação do acesso aos serviços de saúde e educação, essenciais para o suporte ao desenvolvimento dessas pessoas.¹⁰

No contexto educacional, foram identificados cerca de 760,8 mil estudantes com 6 anos ou mais diagnosticados com TEA, representando 1,7% do total de estudantes brasileiros. Isso significa que, aproximadamente, 1 a cada 59 estudantes tem diagnóstico de TEA, sendo a maior concentração na educação básica, particularmente entre crianças de 6 a 14 anos. A análise também revelou desigualdades de gênero: entre os estudantes com TEA dessa faixa etária, os meninos apresentaram uma participação 1,3 vez maior do que as meninas. Já entre adultos com 25 anos ou mais, observou-se uma maior proporção de mulheres com TEA, sugerindo um

movimento de retomada educacional por meio da Educação de Jovens e Adultos ou do Ensino Superior. A taxa de escolarização da população com autismo (36,9%) foi superior à observada na população geral (24,3%), isso se dá pela maior concentração da população com autismo nas idades mais jovens, principalmente entre as idades de 5 a 14 anos, que possuem altas taxas de escolarização e concentram mais da metade da população de estudantes com autismo.^{10,11,12}

A perspectiva da neurodiversidade emerge, nesse contexto, como um paradigma fundamental, propondo uma visão que valoriza as singularidades e potencialidades das pessoas autistas, em contraponto ao modelo biomédico centrado no déficit. Assim, torna-se imprescindível adotar uma postura empática, que reconheça e respeite as identidades autistas, promovendo ambientes escolares acolhedores e adaptados.¹³

A ABA desponta como uma das principais contribuições para esse processo, sendo reconhecida internacionalmente pela sua eficácia no desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais e acadêmicas de pessoas com autismo. Por meio de procedimentos como reforço positivo, análise funcional do comportamento, ensino por tentativas discretas, modelagem e encadeamento de tarefas, a ABA oferece ferramentas teóricas e práticas que fortalecem a atuação dos professores na promoção de uma educação inclusiva e baseada em evidências.^{14, 15, 16}

Embora tradicionalmente mais visível no contexto clínico, a ABA tem se consolidado também como uma abordagem promissora no campo educacional, especialmente na formação docente e na inclusão escolar de alunos com TEA e outras necessidades educacionais específicas. Sua aplicação permite intervenções pedagógicas mais eficazes, que respeitam a individualidade dos estudantes e favorecem sua autonomia e participação social.^{14,15,16}

A proposta da oficina ancora-se nos fundamentos do Behaviorismo Radical, de B.F. Skinner, que comprehende o comportamento como produto da interação entre indivíduo e ambiente, determinado por três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural. Aplicando esses princípios ao contexto educacional, a oficina busca instrumentalizar os professores com estratégias baseadas na análise de contingências, no reforçamento positivo e na estruturação de ambientes de aprendizagem mais acessíveis e inclusivos.^{14,15}

Além do aspecto técnico, a oficina valoriza o protagonismo docente, estimulando soluções criativas e colaborativas para os desafios da inclusão escolar. O formato participativo favorece a construção de redes de apoio entre educadores, potencializando o compartilhamento de estratégias e o fortalecimento do trabalho coletivo.

Assim, ao investir na formação dos professores, não apenas se amplia o conhecimento técnico, mas também se fortalece a capacidade de implementar mudanças significativas nas

práticas pedagógicas, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo, ético e comprometido com o desenvolvimento pleno das crianças com TEA.

3 ESTRUTURA DA OFICINA (MODELO ADDIE)¹

3.1 Análise

Deve ser realizado o levantamento das necessidades dos educadores de uma escola ou centro de ensino da educação básica.

3.2 Design

A oficina deve ser realizada com carga horária de 4 horas consecutivas, podendo incluir um breve intervalo. O local deve ser composto por cadeiras com apoio para escrever e espaço adequado para atividades de dramatização. Além disso, é necessário dispor de equipamento de projeção multimídia, como projetor e tela, para exibição de slides. Os métodos utilizados incluem: exposição dialogada, dinâmicas em grupo, análise de casos, dramatização e role play. Para tanto, devem ser utilizados recursos como slides, passador de slides portátil, diversos exemplos de economias de fichas, rotina visual, timer, exemplos de história social, exemplos de card de modulação de tom de voz, exemplo de card para sinalização de “Minha vez” – “Sua vez” e quadro branco, favorecendo a participação ativa e a aprendizagem significativa dos participantes.”

Estrutura modular:

- Apresentação e relatos de caso (20 min)
- Introdução ao TEA (30 min)
- Fundamentos da ABA (60 min)
- Estratégias práticas (90 min)
- Avaliação e encerramento (20 min)

A distribuição proposta totaliza 3 horas e 40 minutos, permitindo, portanto, um intervalo de 10 minutos, além de tempo para transições suaves entre as atividades.

3.3 Desenvolvimento

Nesta fase, conforme preconiza o modelo ADDIE, devem ser elaborados todos os materiais didáticos necessários para a condução eficiente e padronizada da oficina, garantindo sua aplicabilidade e replicação em diferentes contextos.

Os conteúdos planejados precisam ser organizados de forma concreta e sistematizada, com foco na clareza, acessibilidade e aplicabilidade prática pelos facilitadores. Os materiais didáticos preparados devem ser:

- Slides de apoio: contendo os principais conceitos, fundamentos da ABA e exemplos ilustrativos para facilitar a exposição dialogada e o engajamento dos participantes.
- Fichas de relato de caso: elaboradas para promover a análise prática e o desenvolvimento das habilidades de identificação de antecedentes, comportamentos e consequências, conforme os princípios da Análise do Comportamento Aplicada.
- Checklist de materiais: lista detalhada dos recursos necessários para a apresentação e realização das atividades, incluindo modelos e exemplos que podem ser utilizados como referência durante a condução da oficina.

Todos esses materiais encontram-se organizados e apresentados nos apêndices deste manual, com o objetivo de apoiar futuros facilitadores na replicação da oficina, assegurando qualidade, padronização e adequação às necessidades formativas dos professores participantes.

A elaboração desses recursos seguiu o princípio da aplicabilidade, promovendo uma transferência efetiva do conhecimento teórico para a prática pedagógica e potencializando o impacto da formação na promoção de práticas educacionais inclusivas e baseadas em evidências.

3.4 Implementação

A fase de Implementação, corresponde à realização efetiva da oficina com os professores participantes.

Para garantir a padronização e a qualidade do processo formativo, um roteiro detalhado das atividades está incluído no Apêndice A deste manual.

Esse roteiro contempla todas as etapas da oficina, organizadas de forma sequencial e estruturada:

- Acolhimento dos participantes e alinhamento de expectativas;
- Apresentação do conteúdo e dos objetivos da oficina;
- Análise de caso, promovendo a aplicação prática dos fundamentos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA);
- Prática de estratégias de ABA, com dinâmicas e simulações de sala de aula;

- Avaliação final, estimulando a reflexão crítica, o compromisso com a aplicação prática e a coleta de feedbacks.

O tempo estimado para cada etapa, assim como os materiais necessários, estão especificados de maneira clara e objetiva no Apêndice A, facilitando o planejamento e a condução da oficina por futuros facilitadores.

A implementação foi concebida para ser flexível e adaptável a diferentes contextos escolares e formativos, respeitando as características do público-alvo e as condições locais, sempre mantendo o compromisso com a promoção de práticas pedagógicas inclusivas e baseadas em evidências.

3.5 Avaliação

A fase de Avaliação, conforme o modelo ADDIE, tem como objetivo verificar a eficácia da oficina na promoção de conhecimentos, habilidades e atitudes voltadas à inclusão escolar de crianças com TEA, bem como ao uso de práticas fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Mais do que mensurar resultados, a avaliação busca estimular a reflexão crítica e o comprometimento prático dos participantes, garantindo que os aprendizados adquiridos se traduzam em mudanças concretas na atuação pedagógica.

Podem ser utilizados diferentes instrumentos avaliativos. O Formulário de Avaliação, disponível no Apêndice F, contém questões abertas que permitem ao participante expressar percepções sobre a oficina, apontar aprendizados e sugerir melhorias. A roda de conversa final se configura como um momento coletivo e dialógico, em que os participantes compartilham aprendizagens, desafios percebidos e próximos passos a serem trilhados.

Além disso, a dinâmica vivencial pós-oficina propõe aos participantes um contato simbólico com ações comprometidas reais. Nesse momento, cada participante será convidado a escrever, em uma bola de sopro, uma ação concreta que pretende implementar em sua prática pedagógica, além de registrar algo essencial que não pode esquecer sobre as necessidades de seus alunos, a partir das discussões realizadas e da reflexão proposta. Essa dinâmica busca favorecer a transferência efetiva do conhecimento para o contexto real de atuação, alinhando a prática técnica à prática compassiva, sensível às singularidades dos estudantes com TEA.

Quando a oficina for realizada internamente, por um profissional da própria escola, os indicativos propostos de avaliação podem incluir melhorias observáveis na prática pedagógica, aplicação de estratégias baseadas na ciência da ABA e evolução na percepção de autoconfiança docente, manifestada por meio de expressões de segurança, motivação e autonomia para atuar com crianças com TEA no ambiente escolar.

Essa avaliação, de caráter qualitativo e formativo, visa não apenas aferir a efetividade da oficina, mas também fomentar o desenvolvimento contínuo dos docentes, em consonância com os princípios de uma educação inclusiva, responsiva e pautada em evidências científicas.

4 CONSIDERAÇÕES

Este manual foi concebido como um instrumento de apoio e orientação para a condução da oficina “Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo”, buscando oferecer subsídios teóricos e práticos que fortaleçam a atuação de professores regentes e da educação especial na promoção de uma educação mais inclusiva, sensível e baseada em evidências.

Acredita-se que, ao proporcionar um roteiro claro, materiais estruturados e estratégias aplicáveis, este material contribua não apenas para a replicação qualificada da oficina, mas também para o fortalecimento do compromisso ético e pedagógico com a inclusão escolar de crianças com TEA.

Mais do que um protocolo, este manual propõe-se como um convite à reflexão contínua sobre o papel do educador, valorizando práticas que considerem as singularidades dos estudantes e promovam ambientes escolares responsivos e acolhedores.

Deseja-se que cada facilitador, ao utilizá-lo, possa adaptá-lo de maneira sensível às especificidades de seus contextos, ampliando seu alcance e potencial transformador. Que este seja um recurso vivo, que inspire ações formativas, dialogue com as necessidades reais das escolas e contribua para a construção de trajetórias educativas mais justas, inclusivas e respeitosas.

Com afeto e compromisso com a neurodiversidade e inclusão,

Clara Sobreira Pereira Nogueira
Psicóloga e Analista do Comportamento
CRP 02/15809

5 RECOMENDAÇÕES GERAIS AOS PROFESSORES

5.1 Adaptação Curricular e Acompanhamento do Aprendizado

- Realizar adaptação curricular sempre que necessário e de forma individualizada, garantindo o acompanhamento contínuo dos alunos e desenvolvendo um plano de atividades que evite atrasos em seu aprendizado.

- Certificar-se de atribuir tarefas compatíveis com as habilidades dos alunos, prevenindo acúmulo de dificuldades acadêmicas.
- Adaptar atividades e explicações para ajudá-los a evoluir em suas dificuldades.
- Utilizar ensino direto, aprendizagem programada ou materiais estruturados.
- Tornar o ensino interessante, sendo mais animado, teatral e dramático ao ensinar.
- Usar ensino participativo, dando aos alunos algo para fazer enquanto ensina.
- Permitir que a criança solicite, peça ou pegue o que deseja, sem facilitar excessivamente.
- Ensinar a criança a pedir ajuda de um colega quando precisar de algo.
- Fazer a criança preestabelecer objetivos de trabalho (exemplo: “Quantos problemas você pode fazer para mim?”).

5.2 Adaptação de Avaliações e Tarefas

- Conceder tempo adicional para a realização de provas, oferecendo de 20 a 40 minutos extras, além de adaptar as atividades para formatos mais curtos e objetivos.
- Destacar com marcador de texto as palavras ou instruções mais importantes e mais diretas no texto e no enunciado de questões
- Diminuir a quantidade de tarefas solicitadas em classe e para casa.
- Solicitar ao aluno que anote as instruções verbais das atividades, fracionando atividades de longo prazo em partes menores, com prazos mais curtos e próximos.
- Em caso de crianças com habilidades específicas ou interesses específicos, oferecer aprofundamento de conhecimento nas áreas de interesse, mas também em outras áreas para que não desenvolva rigidez cognitiva.

5.3 Ambiente escolar e organização física

- Reduzir estímulos distratores no ambiente escolar, posicionando o aluno próximo ao(a) professor(a) para favorecer a concentração.
- Fornecer instruções importantes de forma direta e próxima ao aluno, evitando locais com excesso de estímulos visuais e sonoros, como janelas e portas.
- Posicionar o aluno perto de colegas com comportamentos positivos, minimizando distrações causadas por interações com estudantes que apresentam dificuldades de comportamento.

5.4 Comunicação e Interação com os alunos

- Dizer “olhe para mim” ou buscar o olhar ou o direcionamento à criança. Mas não exigir continuidade desse olhar o tempo todo. Já sabemos o grau de incômodo que o contato visual causa nas pessoas com autismo.
- Não falar de costas, mantendo sempre o contato facial para favorecer a atenção e compreensão.
- Fornecer a instrução apenas uma vez.
- Dar um comando por vez.
- Usar enunciados curtos, claros e objetivos.
- Evitar estímulos ou gestos que possam gerar interpretações ambíguas (por exemplo, ao falar “apague a luz” e apontar o interruptor).

5.5. Estratégias para Otimizar o Aprendizado

- Ensinar individualmente ou em pequenos grupos, sempre que possível.
- Evitar solicitar que o aluno leia em voz alta diante de um grande número de colegas, reduzindo a exposição e possíveis desconfortos. Mas se perceber que ele gosta, pode solicitar.
- Caso seja necessário corrigir ou chamar a atenção do aluno, fazer isso individualmente e em tom baixo.
- Focar no conteúdo das respostas do aluno, em vez da forma de apresentação, valorizando expressões orais quando necessário.
- Incentivar a repetição intensiva de conteúdos recentemente aprendidos, proporcionando múltiplas oportunidades de prática e reforçando positivamente o esforço do aluno.
- Evitar a correção excessiva de erros, priorizando o reconhecimento e a valorização das respostas corretas para fortalecer a autoestima e a motivação do aluno.
- Repetir várias vezes o conteúdo para garantir atenção e memorização do aluno
- Permitir intervalo entre as tarefas;
- Dar opção de movimentar-se fora da cadeira;
- Usar dicas não-verbais para permanecer na tarefa;
- Permitir o uso de um cronômetro para sinalizar o tempo de completar as tarefas;
- Ensinar como gerenciar o tempo/ habilidade de estudar;

5.6. Desenvolvimento Social e Interação com Colegas

- Incentivar a socialização com os colegas.
- Trabalhar iniciação social com perguntas simples (exemplo: “O que devemos dizer quando queremos conversar com alguém?”).
- Estimular pequenos diálogos entre as crianças, inicialmente em duplas, modelando as respostas quando necessário.
- Ensinar a esperar a resposta do colega e a respeitar um “não”.
- Oferecer atividades estruturadas onde a interação seja necessária.
- Contar histórias curtas com imagens que mostrem como se comportar em situações sociais.
- Usar imagens para mostrar a sequência das atividades sociais (exemplo: tarefa → guardar materiais → lanche).
- Estimular outras crianças a iniciarem uma interação com a aluna e orientá-las a esperar a resposta.
- Modelar frases como “Que lindo seu desenho!” e incentivar a aluna a elogiar colegas.
- Valorizar as potencialidades da criança e elogiar suas conquistas para elevar sua autoestima.

6. SUGESTÕES DE FILMES, SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS INSPIRADORES

- Como Estrelas na Terra
- Extraordinário
- Uma Advogada Extraordinária
- Life, Animated
- Deixe-me Voar
- Meu Nome é Rádio
- Além da Sala de Aula
- This Is Us

REFERÊNCIAS

Barreiro RMC. Um breve panorama sobre o design instrucional [Internet]. EaD en Foco. 2016 ago 26;6(2). Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/375> [acessado em 19 abr. 2025].

Coutinho MC, Tessaro M. Percepção de professores acerca do processo de inclusão de alunos neurodivergentes [Internet]. Rev Pedagógica. 2024 nov 29;26(1):e7871. Disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7871> [acessado em 23 mar. 2025].

Abdullah, Musdiani, Putra M, Sari SM. Competência pedagógica, grupos de trabalho de professores e motivação: sua influência no desempenho do ensino em escolas estaduais de ensino fundamental [Internet]. Jurnal Komdik. 2024 jan 31;8(1):60–74. Disponível em: <https://journal.univetbantara.ac.id/index.php/komdik/article/view/5506> [acessado em 23 mar. 2025].

Rodrigues D. Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus; 2005.

Aranha MSF. Educação inclusiva: do que estamos falando? In: Mantoan MTE, organizadora. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna; 2005.

Braga-Kenyon P, Kenyon SE, Miguel CF. Análise comportamental aplicada (ABA): um modelo para a educação especial. In: Camargos Jr W, editor. Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º milênio [Internet]. 2. ed. Brasília: CORDE; 2005. p. 148–54. Disponível em: <https://www.academia.edu/15146232> [acessado em 7 abr. 2023].

Council of Autism Service Providers (CASP). Applied behavior analysis practice guidelines for the treatment of autism spectrum disorder [Internet]. 3rd ed. Lexington: CASP; 2024. Disponível em: <https://www.casproviders.org/asd-guidelines/> [acessado em 22 out. 2023].

Shaw KA, Williams S, Patrick ME, et al. Prevalence and early identification of autism spectrum disorder among children aged 4 and 8 years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 16 sites, United States, 2022. MMWR Surveill Summ. 2025;74(SS-2):1–22. doi:10.15585/mmwr.ss7402a1

Hume K, Steinbrenner RJ, Odom SL, Morin KL, Nowell SW, Tomaszewski B, et al. Evidence-based practices for children, youth, and young adults with autism: third generation review [Internet]. J Autism Dev Disord. 2021 jan;51:4013–32. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-020-04844-2> [acessado em 7 abr. 2023].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2022: pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista: resultados preliminares da amostra [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102178.pdf> [acessado em 25 mai 2025].

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2024: notas estatísticas. Brasília (DF): Inep; 2025. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf [acessado em 23 mar. 2025]

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). População estimada para os municípios e para as unidades da federação brasileiros em 01.07.2024 [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br> [acessado em 18 abr. 2025].

Ortega F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. Cienc Saude Colet. 2009;14:67-77.
doi:10.1590/S1413-81232009000100012

Cooper JO, Heron TE, Heward WL. Applied behavior analysis. 3rd ed. London: Pearson; 2020.

Ribeiro MJFX, Carmo JS. Apresentação. In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 7-12.

Rodrigues ME. Behaviorismo Radical, Análise do Comportamento e Educação: o que precisa ser conhecido? In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 37-72.

APÊNDICE C – ROTEIRO DETALHADO DA OFICINA

1) Apresentação - Tempo: 20 minutos

Os facilitadores devem se apresentar e falar sobre o tema da oficina proposta. Solicitar que os participantes observem a própria dinâmica do encontro, pois ela, em si, já constitui uma estrutura indicada à prática do educador em sala de aula. Buscar conhecer minimamente o público quanto à sua função atual e existência ou não de alguma formação em ABA.

Utilizar o timer para dar modelo de utilização em sala de aula para previsibilidade do tempo.

Técnica utilizada: Exposição dialogada

Fotografia 4 - Modelo de timer utilizado na Oficina piloto



Fonte: Acervo da autora

2. Introdução ao TEA – Tempo estimado: 30 minutos

Apresentar aos participantes uma compreensão ampla e atualizada sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), promovendo reflexões acerca da diversidade dentro do espectro e valorizando os pontos fortes de cada indivíduo, para além de seus sintomas diagnósticos.

- Inicie contextualizando o TEA como uma condição do neurodesenvolvimento, destacando as principais características: desafios na comunicação, interação social e padrões comportamentais restritos e repetitivos.
- Utilize exemplos concretos e atuais para ilustrar as múltiplas manifestações do espectro.

- Estimule a reflexão sobre a diversidade dentro do TEA, propondo uma mudança de olhar que vá além dos déficits, focando nas potencialidades e pontos fortes de cada indivíduo.
- Promova um espaço aberto para perguntas e comentários, reforçando a participação ativa e a troca de experiências entre os professores.

Técnica utilizada: Exposição dialogada - conduza a explanação de forma interativa, incentivando a participação espontânea dos docentes.

3. Princípios da Análise do Comportamento Aplicada – Tempo estimado: 60 minutos

Favorecer a compreensão dos fundamentos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), utilizando um caso prático para estimular a análise funcional do comportamento e a aplicação dos conceitos aprendidos.

- Projete o caso escolhido previamente e distribua cópias, se possível. Leia o caso.
- Discussão sobre a função do comportamento apresentado no caso.
- Valorize a participação com reforços sociais positivos, como elogios e reconhecimento público.

Técnicas utilizadas:

- Exposição dialogada
- Dramatização do caso lido
- Análise do caso
- Discussão em grupo
- Reforço positivo social e tangível

4. Estratégias Práticas de ABA para o Ensino de Alunos Autistas – Tempo estimado: 90 minutos

Ensinar aos professores estratégias específicas de ABA aplicáveis ao contexto escolar, visando melhorar o comportamento, a comunicação e a aprendizagem de alunos com TEA.

- Apresente as estratégias práticas de forma expositiva e dialogada.
- Promova análises de casos e dinâmicas que permitam aos professores experientiar o uso das técnicas apresentadas.
- Realize simulações de sala de aula (role play), estimulando os participantes a assumirem o papel de professor, aluno e observador.

4.1. Reforço Positivo e Negativo – Tempo estimado: 20 minutos

- Explique a diferença entre reforço positivo e negativo, utilizando exemplos claros e cotidianos.
- Apresente exemplos de reforços verbais (elogios) e materiais (adesivos, brinquedos).
- Demonstre como aplicar reforços de forma eficaz na sala de aula, destacando a importância da consistência e da adequação ao perfil do aluno.

4.2. Treinamento de Habilidades de Comunicação – Tempo estimado: 30 minutos

- Ensine como desenvolver habilidades de comunicação funcional, ressaltando sua importância para o manejo de comportamentos problema.
- Apresente verbalmente e explique o uso de sistemas de comunicação alternativa e aumentativa (CAA), como: PECS (Picture Exchange Communication System); PODD (Pragmatic Organisation Dynamic Display); Matriz de Comunicação.

4.3. Desenvolvimento de Habilidades Sociais e Comportamentais – Tempo estimado: 30 minutos

- Explique como utilizar a ABA para ensinar comportamentos sociais e promover interações positivas.
- Apresente técnicas de ensino como:

Modelagem: reforçar aproximações sucessivas ao comportamento desejado.

Encadeamento de tarefas: dividir tarefas complexas em pequenas etapas, ensinando uma a uma.

APÊNDICE D - CHECKLIST PARA O DESENVOLVIMENTO DA OFICINA E PREPARAÇÃO DOS MATERIAIS

1. Materiais Didáticos

- Slides de apoio revisados e atualizados conforme os conteúdos da oficina.
- Fichas de relato de caso impressas para facilitadores e participantes.
- Ficha contendo a reflexão a ser realizada no final da oficina.
- Exemplos de rotina visual, economia de fichas e timer separados para demonstração.
- Materiais visuais organizados em pastas físicas ou arquivos digitais de fácil acesso.

2. Materiais para Atividades Práticas

- Marcadores/pilotos para quadro branco.
- Quadro branco limpo e funcional.
- Timer para demonstração de manejo de tempo e estratégias de autorregulação.
- Itens para reforço tangível (ex.: bombons).
- Exemplares de livros e filmes indicados organizados para recomendação.
- Bolas de sopro coloridas conforme o número de participantes
- Canetas
- Brinde para o final da oficina de acordo com o tema.

3. Estrutura Física e Técnica

- Microfones com pilhas ou carregados para a quantidade de facilitadores da oficina
- Notebook com apresentação salva e funcionando adequadamente.
- Pen drive com apresentação salva
- Passador de slides com pilha e testado
- Projetor testado e com imagem ajustada.
- Tela ou parede adequada para projeção.
- Ambiente organizado com espaço para dinâmicas e simulações (dramatizações).
- Cadeiras organizadas em fileiras.

4. Materiais para Questionário e Avaliação

- QR Code com o Questionário sociodemográfico e de desafios da prática na inclusão
- QR Code com o Formulário de avaliação da oficina

- Link do Questionário e do Formulário no Google Forms de fácil acesso para envio aos dirigentes por whatsapp ou e-mail
- Canetas de acordo com o número de participantes

5. Logística e Conforto dos Participantes

- Café, água e biscoitos organizados para o número de participantes.
- Banheiro limpo e acessível aos participantes.
- Slide de orientações sobre intervalos e horários a serem comunicados aos participantes no início da Oficina.

APÊNDICE E – CASO DA DRAMATIZAÇÃO

Caso 1 da Dramatização: Função de Atenção

Contexto: Sala de aula do 2º ano do ensino fundamental. A professora está explicando um novo conceito de matemática, e os alunos estão copiando do quadro.

Descrição do Caso:

Joaquim, um aluno de 9 anos, começa a ficar sonolento, pega a mochila e coloca na cabeça. Seus colegas riem, mas pedem para ele parar. Joaquim começa a bater repetidamente com o lápis na mesa. Ele olha para os colegas e sorri. A professora pede para que ele pare e ele não atende. Ela então se dirige à cadeira dele e reclama com Joaquim, dizendo que ele precisa se concentrar, mas o deixa com a caneta. Joaquim sorri e para por um tempo, mas logo depois volta a fazer barulho com o lápis.

Perguntas para Discussão:

- Qual foi o **antecedente** do comportamento? (Momento de cópia da explicação no quadro)
- Qual foi o **comportamento**? (colocar a mochila na cabeça, bater o lápis)
- Qual foi a **função**? (Atenção da professora e dos colegas; esquiva da aula)
- Como poderia ser manejado de forma mais eficaz para evitar a repetição do comportamento?

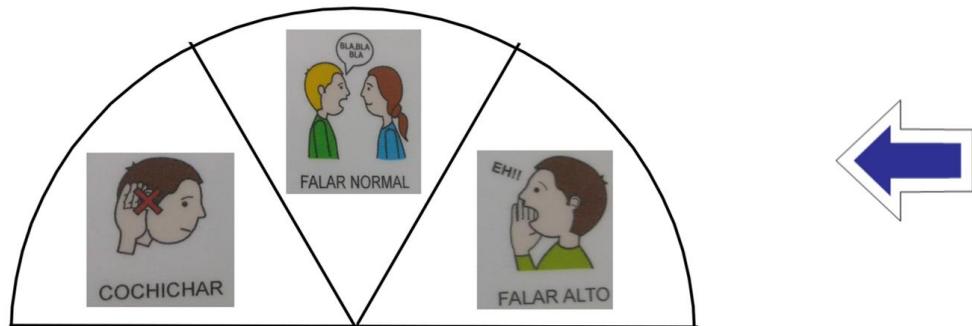
Fotografia 5 - Momento da encenação do Caso 1



Fonte: acervo da autora

APÊNDICE F – EXEMPLOS DE MATERIAIS APRESENTADOS NA OFICINA PILOTO

Fotografia 6 - Card para controle de modulação do volume da voz



Fonte: acervo da autora

Fotografia 7 - Exemplos de Rotinas visuais



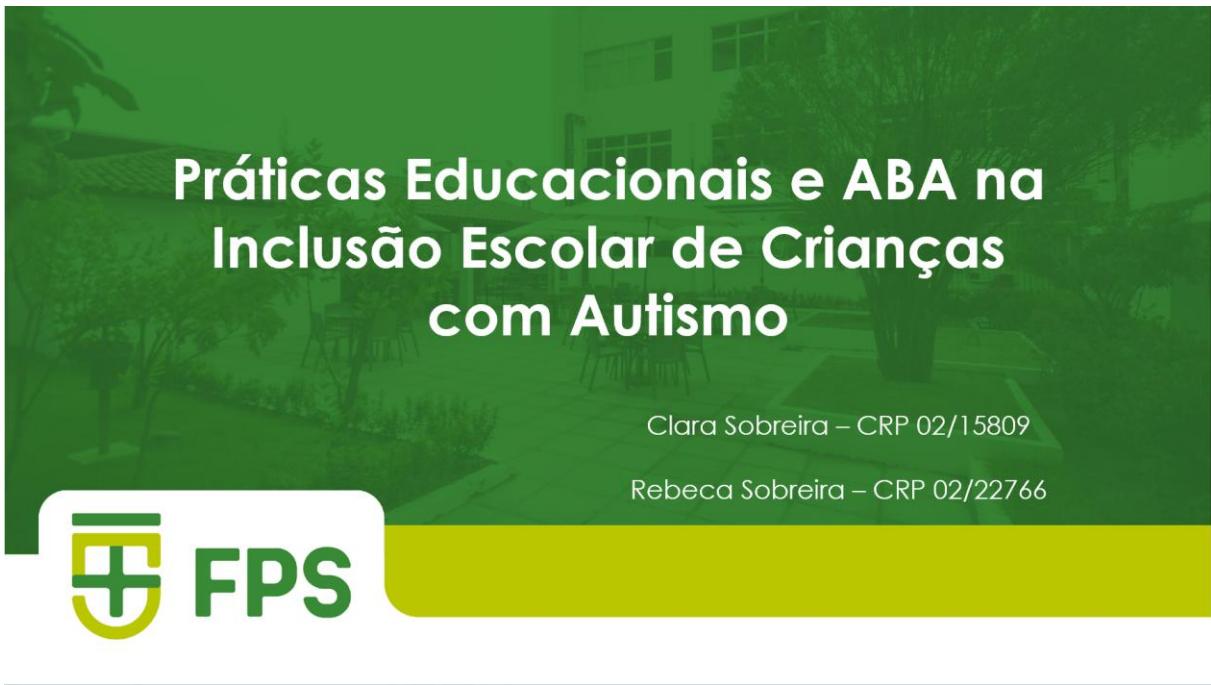
Fonte: acervo da autora

Fotografia 8 - Exemplo de brinde para o final da oficina



Fonte: acervo da autora

APÊNDICE G – SLIDES DE APRESENTAÇÃO DA OFICINA PILOTO



Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo

Clara Sobreira – CRP 02/15809
Rebeca Sobreira – CRP 02/22766



Nossa agenda



8h40 às 9h30 - Bloco 1



- Apresentação
- Papel do professor segundo ABA
- Introdução ao TEA



9h30 às 10h30 - Bloco 2

- Princípios básicos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA)

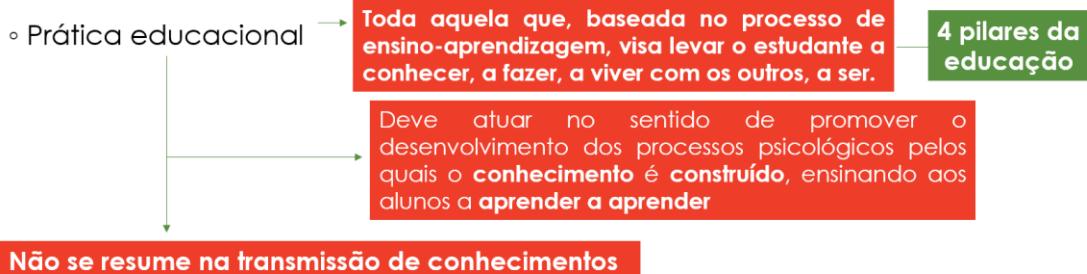


10h30 às 12h - Bloco 3

- Estratégias práticas de ABA para o ensino de alunos autistas
- Reflexão e Experiência Final



De que concepção estamos falando



- Ensinar: arranjo sistemático de contingências, efetuado para facilitar e gerar a aprendizagem, a qual se traduz em modificação de comportamento.

BORUCHOVITCH (1999); MEDEIROS (2012); PRADO, BEFFA, GONSALES (2012); RODRIGUES (2012, p. 48); SKINNER (1968/1972)



Papel do Professor

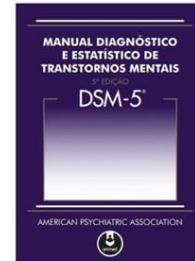
- Identificar qual é o repertório inicial do aluno: nível de conhecimento do aluno e suas possibilidades iniciais → “para quem ensinar”

- ✓ Aprender a observar e registrar o comportamento do aluno,
- ✓ Identificar repertórios comportamentais (presença ou ausência de pré-requisitos),
- ✓ Identificar diferentes suscetibilidades aos diferentes tipos de reforço



Transtornos do Neurodesenvolvimento

O DSM-V define que os **transtornos do desenvolvimento** são **condições** que têm **início** no período do desenvolvimento, que em geral surgem **antes de a criança ingressar na escola** e são caracterizados por **déficits** que acarretam prejuízo no **funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional**.



Transtornos do Neurodesenvolvimento

O TEA é classificado como:

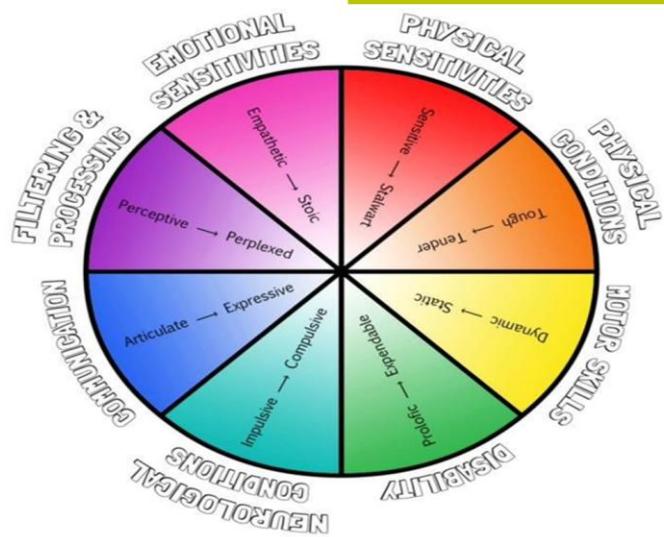
- **6A02.0** – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;
- **6A02.1** – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;
- **6A02.2** – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
- **6A02.3** – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
- **6A02.5** – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional;
- **6A02.Y** – Outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado;
- **6A02.Z** – Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado.



TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 (exige muito apoio substancial)	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 (exige apoio substancial)	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 (exige apoio)	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

De que autista estamos falando...



**Rótulos funcionais
não são
considerados
práticas
recomendadas!**

Alto Funcionamento 

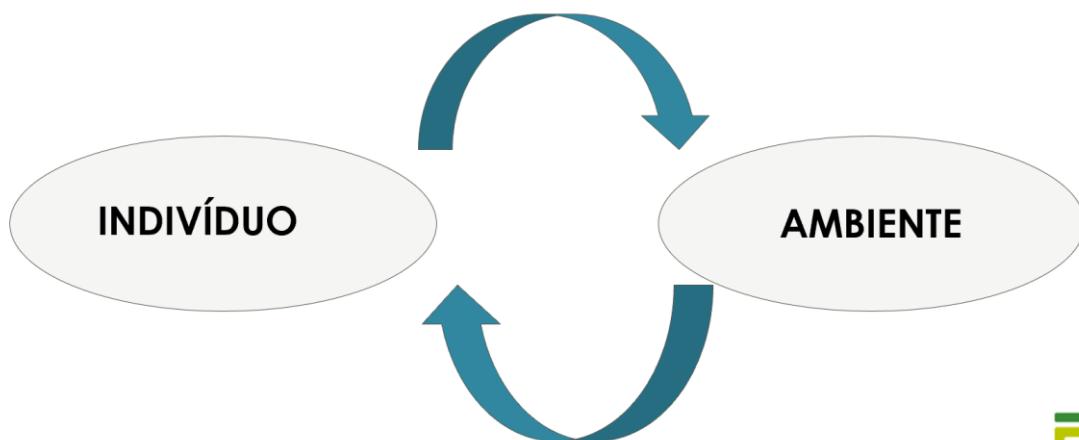
Baixo Funcionamento 



**Em vez disso, descreva as
necessidades de suporte
específicas e flutuantes de
uma pessoa e os
contextos que ocorrem!**



Comportamento



Comportamento

- O **comportamento** é **aprendido** e, portanto, **passível de modificação**, desde que sejam alteradas as condições ambientais para que determinado comportamento ocorra.
- O **comportamento** é aprendido desde as primeiras interações com o ambiente em que um indivíduo vive e com as pessoas com as quais convive. É certamente **influenciado pela história genética** de cada um, mas é predominantemente afetado pelas **relações estabelecidas com o mundo** no decorrer da vida.
- Os comportamentos devem ser possíveis de serem mensurados.



Comportamento

Um comportamento pode ser **adquirido ou mantido** a partir de **consequências reforçadoras**. Podemos encontrar **três tipos de consequências reforçadoras** para a aquisição e manutenção de um **comportamento problema**. São elas: **reforçamento social positivo** (i.e., atenção); **reforçamento social negativo** (i.e., eliminação de tarefas acadêmicas); e **reforçamento automático positivo ou negativo** (i.e., estimulações sensoriais).

Reforçamento automático = as consequências produzidas pela própria ocorrência dos comportamentos autolesivos.

(CEPPI, BENVENUTI, 2011)



Função do Comportamento

1) Acesso a atenção (reforçamento positivo),



2) Busca de algum estímulo sensorial
(reforçamento automático),



3) Acesso a reforçador tangível,

4) Fuga/esquiva de uma situação/tarefa requerida
(reforçamento negativo).

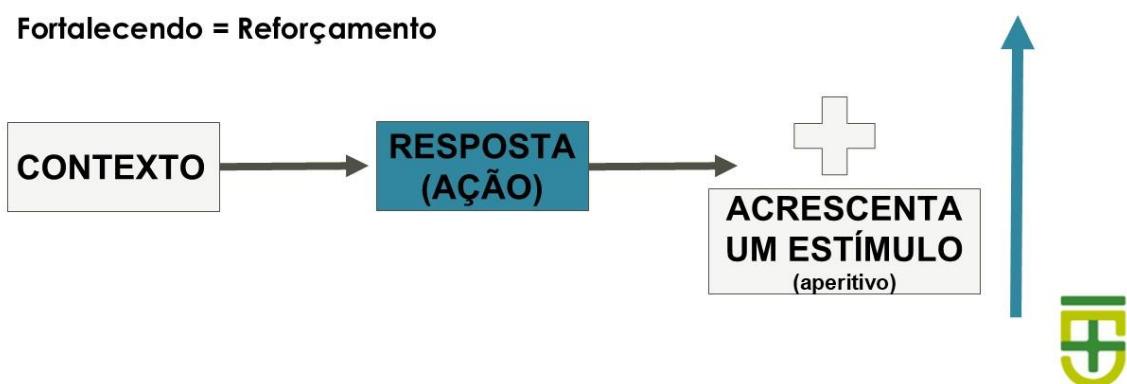
IWATA, DOZIER(1982/1994)



Reforçamento

Alterando as consequências

Fortalecendo = Reforçamento



Reforçamento

Alterando as consequências

Fortalecendo = Reforçamento



Reforçamento



Pedido de atividade
pela professora.



Fazer a
atividade.



Atividade realizada e
elogio da professora!

A resposta/ação de “fazer a atividade” **pode**
ocorrer mais vezes



Reforço

Reforço intrínseco (natural):

são aqueles inerentes às respostas de um indivíduo, produzidos naturalmente por elas. ex.: ar, sono, água, sono, gostar de ler um livro, etc

Reforço extrínseco (arbitrário):

são aqueles disponibilizados artificialmente como consequências de determinadas respostas, ligado a uma história de reforçamento (condicionamento).

Ex.: ler um livro para obter uma nota.

- **Tangíveis:** bijuterias, brinquedos, livros, figurinhas, etc.
- **Comestíveis:** doces, frutas, biscoitos, batata frita, guloseimas, etc. (brindes extras).
- **Atividades:** um filme, videogame, tempo livre, um jogo, ciranda-cirandinha, tempo no computador, etc.
- **Sociais:** um elogio, sorrisos, um aceno de cabeça, aplausos, polegar-para-cima, uma piscadinha, etc.
- **Físicos:** cócegas, abraços, beijos, tapinhas nas costas, um toque, um balanço, “toca aqui”, etc.



Esquemas de Reforçamento

★ Contínuo

É o Reforçamento Positivo que segue **imediatamente** a cada ocorrência do comportamento.

★ Intermitente

Nem toda a ocorrência de um comportamento desejado **é reforçada**, ou seja, um número variável de comportamentos precisa ocorrer antes do reforçador ser dado.



Esquemas de Reforçamento Intermitente

1) Razão Fixa (FR) – o número de respostas exigidas para cada reforço é o mesmo. Reforçamento é dado depois de um número fixo de respostas corretas. Ex.: criança recebe 1 adesivo depois de cada 10 respostas corretas a questões de matemática

2) Razão Variável (VR) – o número de respostas exigidas para cada reforço varia, ou seja, é dado a partir de uma média. Reforçador dado depois de um número médio de respostas corretas. Ex.: Receber um elogio a cada 25 respostas corretas em média (a razão variável é 25, logo o reforçamento pode variar de 10 a 50).



Esquemas de Reforçamento Intermitente

3) Intervalo Fixo (FI) – Reforçamento é dado para a primeira resposta correta depois que um intervalo específico de tempo tenha se passado. Ex.: Professor checa se os alunos estão estudando na biblioteca a cada 30 min e dá uma estrela na ficha de comportamento por estarem em silêncio.

4) Intervalo Variável (VI) – Reforçamento é liberado depois de decorrido um intervalo variável de tempo. Ex.: Professor verifica os alunos na biblioteca a intervalos variados de tempo, que seriam imprevisíveis. Porque os alunos não sabem quando ele virá, tenderão a estudar mais silenciosamente.

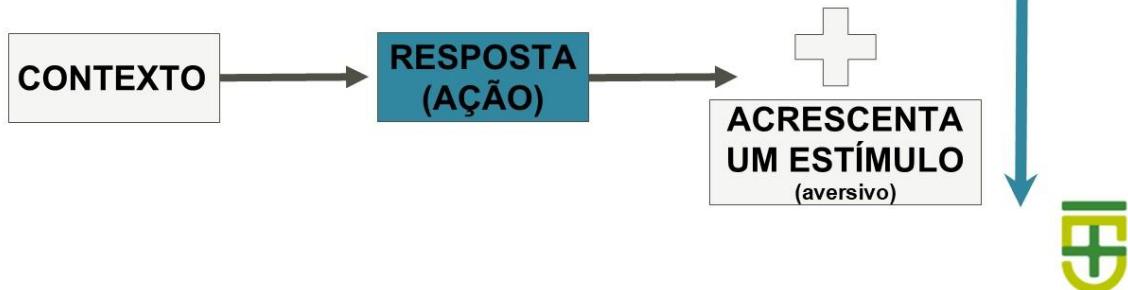
Desvantagem: alunos rapidamente aprenderão que só precisam “dar a resposta correta” (estudar em silêncio) ao final de cada período de 30 min.



Punição

Alterando as consequências

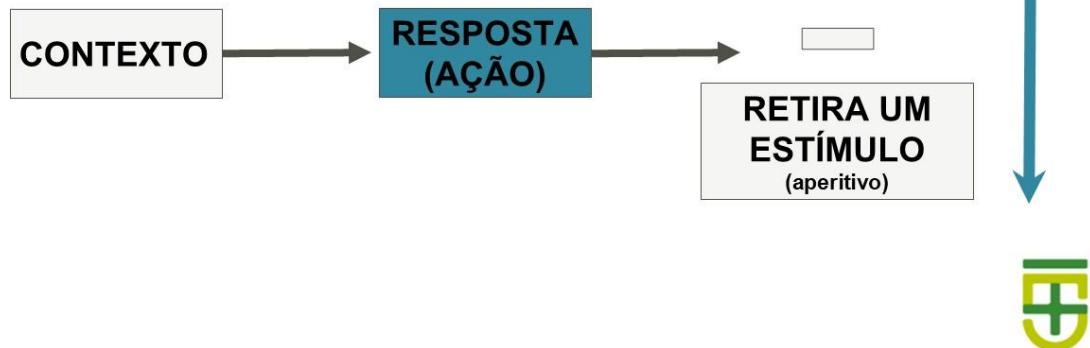
Enfraquecendo = Punição



Punição

Alterando as consequências

Enfraquecendo = Punição



Punição



Aula cansativa



Aluno inicia uma grande bagunça



Professora o coloca de castigo

Da próxima vez o comportamento de iniciar a bagunça **pode** não ocorrer

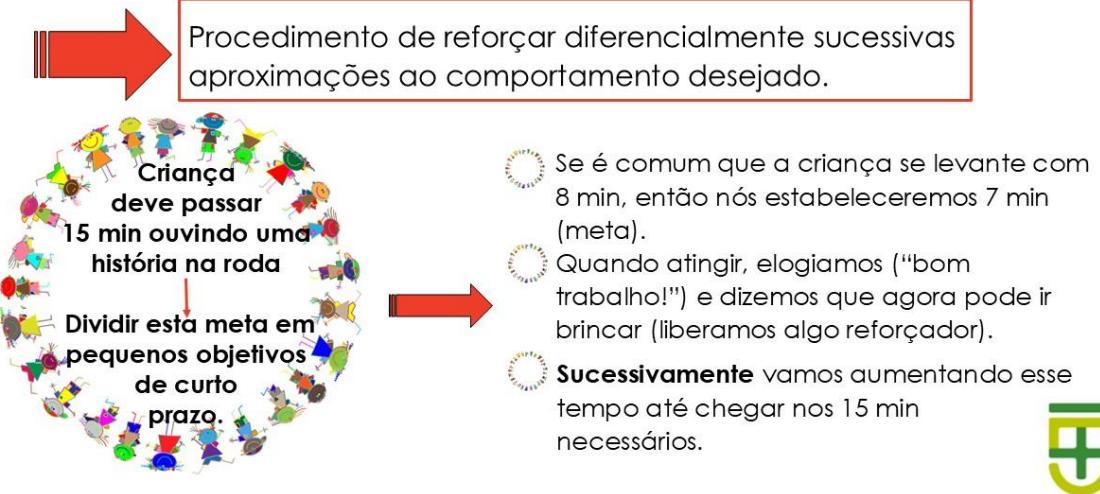


Por que evitamos a punição?

- ★ A pessoa punida tende a se comportar de forma diferente na ausência da pessoa que puniu.
- ★ Alguns tipos de punição causam efeitos emocionais.
- ★ Algumas formas de punição permitem o aprendizado de comportamentos agressivos.
- ★ Outros comportamentos podem acabar sendo punidos em conjunto (além daquele comportamento inadequado que você queria punir)



Modelagem

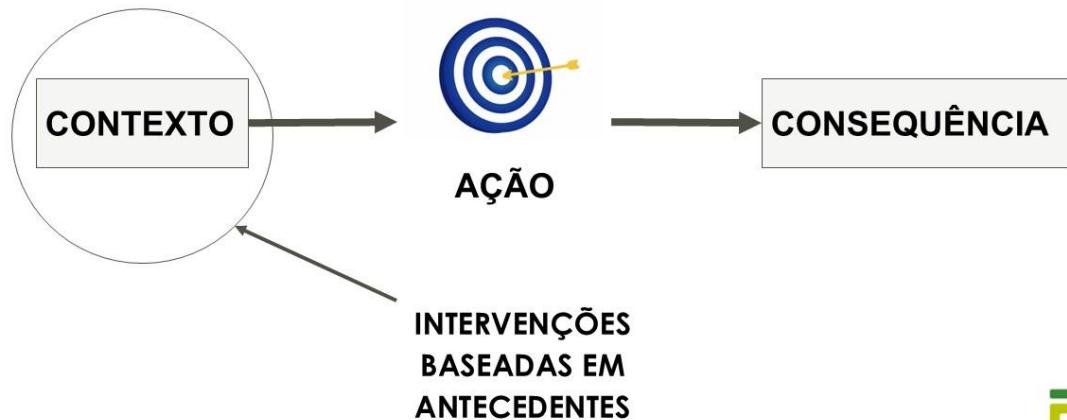


Generalização

- ★ Uma resposta reforçada na presença de um estímulo resulta em uma tendência a responder da mesma maneira aos estímulos que compartilhem propriedades semelhantes.
- ★ Queremos que as crianças generalizem no **tempo**, através de **ambientes** e com **diferentes pessoas**.
- ★ Para ajudar no processo de generalização, gostamos de usar vários professores diferentes e variados ambientes de aprendizagem e por isso a importância do AT escolar formado ou sob supervisão em ABA.



Como ABA pode ser usada na sala de aula



Como ABA pode ser usada na sala de aula

INTERVENÇÕES BASEADAS EM ANTECEDENTES

- Podem ser usadas para diminuir o comportamento inadequado e para aumentar o engajamento em tarefas.

O que fazer? (objetivos)

Identificar fatores que estão reforçando o comportamento inadequado

Modificar ambiente de modo que os fatores já não provoquem o comportamento inadequado.



Como ABA pode ser usada na sala de aula

INTERVENÇÕES BASEADAS EM ANTECEDENTES

Como fazer?

1. Utilizar as preferências do aluno dentro de uma atividade
2. Alterar horários e rotina (colocar atividades de preferência após completar as tarefas)
3. Realizar algumas intervenções antes da própria atividade
4. Dar escolhas para a criança (ex.: fazer com lápis do boneco favorito e não com lápis comum)
5. Alterar a forma de apresentação da instrução



Como ABA pode ser usada na sala de aula



Como ABA pode ser usada na sala de aula

INTERVENÇÕES BASEADAS EM CONSEQUÊNCIAS

Como fazer?

- ★ Associe a si mesmo com o reforçamento positivo. Para aprender com você, o aluno precisa estar ligado a você!
- ★ Fixe um esquema inicial ao ensinar e passe logo que possível a um de Razão Variável e vá aumentando o esquema.
- ★ Dê a recompensa imediatamente após o comportamento.
- ★ Mude seu grau de reforçamento de acordo com o nível de realização.



Como ABA pode ser usada na sala de aula

INTERVENÇÕES BASEADAS EM CONSEQUÊNCIAS

Como fazer?

- ★ Seja consistente.
- ★ Ao começar um novo assunto, reforce mais frequentemente.
- ★ Varie o tom de voz e frases usadas.
- ★ Seja específico sobre o que você está reforçando.
- ★ Monitore a eficácia dos reforçadores e varie-os.
- ★ Esteja atento para reforçar quando o aluno emitir respostas naturalmente também.



Pensando em estratégias

Criança joga lápis no chão na hora que o professor entrega lápis + atividade para completar. O que fazer? Como fazer?

Utilizar preferência do aluno

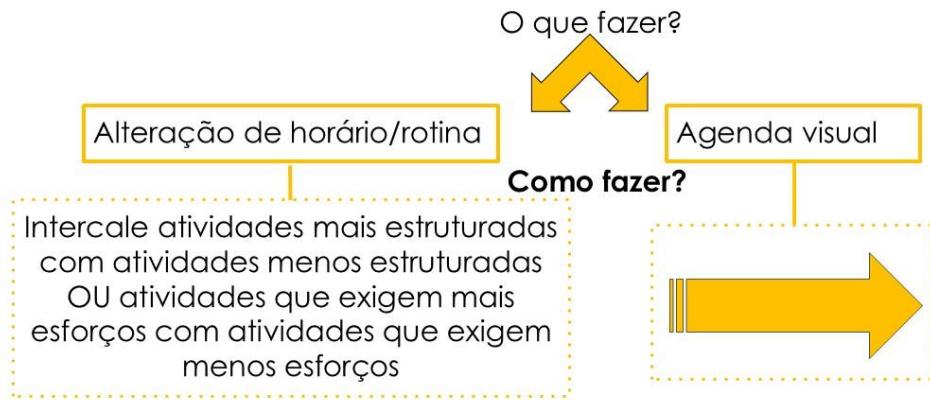
Se o aluno gosta do Mickey, você pode dar um lápis do Mickey ao invés de um lápis tradicional.

Você também pode dar 2 opções de escolha para o aluno decidir qual lápis quer usar.



Pensando em estratégias

Criança se joga no chão antes de entrar na aula de matemática.



Agenda Visual



Economia de Fichas

É uma estratégia baseada em reforçamento positivo, onde o aluno recebe fichas (ou pontos) por comportamentos desejados.

Essas fichas são posteriormente trocadas por itens de preferência do aluno.



Economia de Fichas

Você consegue adaptar pro modo online também!

Eu estou trabalhando por blocos



Se lembre de liberar o reforçador imediatamente.

Tempo/Magnitude do reforçador proporcional ao custo da atividade



Aumente progressivamente o número de fichas.



Good Behavior Game

Como funciona?

- A turma é dividida em grupos.
- Cada grupo pode ganhar ou perder pontos com base em comportamentos específicos (ex.: manter silêncio, levantar a mão para falar).
- No final do período estipulado (aula, dia ou semana), os grupos que atingirem um critério pré-estabelecido recebem recompensas.

Benefícios

- Redução de comportamentos inadequados
- Aumento do engajamento acadêmico
- Melhora no trabalho em equipe
- Estratégia simples e eficaz

O GBG é uma abordagem baseada em reforçamento positivo, promovendo um ambiente estruturado e motivador para os alunos.

Good Behavior Game



Ética e Compaixão

Considerem o assentimento e os sentimentos do aluno!!



Ensino:

Seguro

Baseado em reforço positivo

Individualizado

Objetivos que façam sentido



Ética e Compaixão

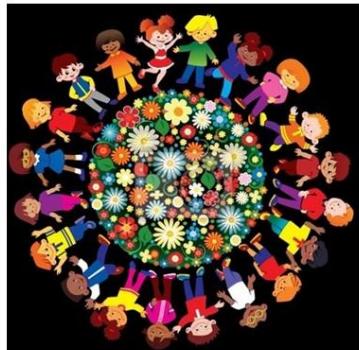
- Em vez de tentar “apagar” um comportamento, busque entender por que ele acontece e ensine outra forma do aluno expressar o que precisa.
- Escolha objetivos que tenham utilidade real, como ensinar a pedir ajuda, a se comunicar ou a organizar materiais — e não apenas seguir regras sem contexto.
- Evite punições que causem frustração ou vergonha, usando mais os elogios e incentivos para ensinar novos comportamentos.
- Respeitar o tempo e os limites do aluno — por exemplo, dar pausas quando necessário, mesmo que isso não esteja no “plano original”.



Ética e Compaixão



Ensinar com compaixão é entender que o comportamento é uma forma de comunicação e que o aluno está fazendo o melhor que pode com as ferramentas que tem.



“A ética na ABA é o compromisso de cuidar do aluno como alguém que merece aprender, crescer e ser respeitado — não moldado para se encaixar, mas apoiado para florescer.”





Ainda não acabou...



Gostaríamos do seu feedback sobre a oficina...



Guia de práticas educacionais e ABA na inclusão escolar de crianças com autismo



 SCAN ME



Obrigada!

Rebeca Sobreira
(81) 98754.5455
sobreira.rebeca@gmail.com



Clara Sobreira
(81) 99115.02.40
sobreira.clara@gmail.com



Referências

- BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. **Psicol. Reflex. Crít.**, Porto Alegre , v. 12, n. 2, p. 361-376, 1999. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200008>.
- DIAS., M.F; LORH, S.S., CONTROLE COERCITIVO NA SALA DE AULA: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS. **Educere et Educare: Revista de Educação**. Vol. 12 Número 25 Jul./Dez. 2017.
- IWATA, B. A.; DOZIER, C. L.. Clinical application of functional analysis methodology. **Behavior Analysis in Practice**. 2008, 1(1), 3-9.
- HENKLAIN, Marcelo Henrique Oliveira; CARMO, João dos Santos. Contribuições da análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. **Cadernos de Pesquisa**, 2013, 43(149), 704-723.
- MEDEIROS, José Gonçalves. Reflexões sobre o ato de ensinar dentro da concepção galileana de ciência. In: CARMO, J.S.; RIBEIRO, M.J.F.X. (org.). **Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional**. Santo André: ESEtec Editores Associados, 2012, pp 19-35.



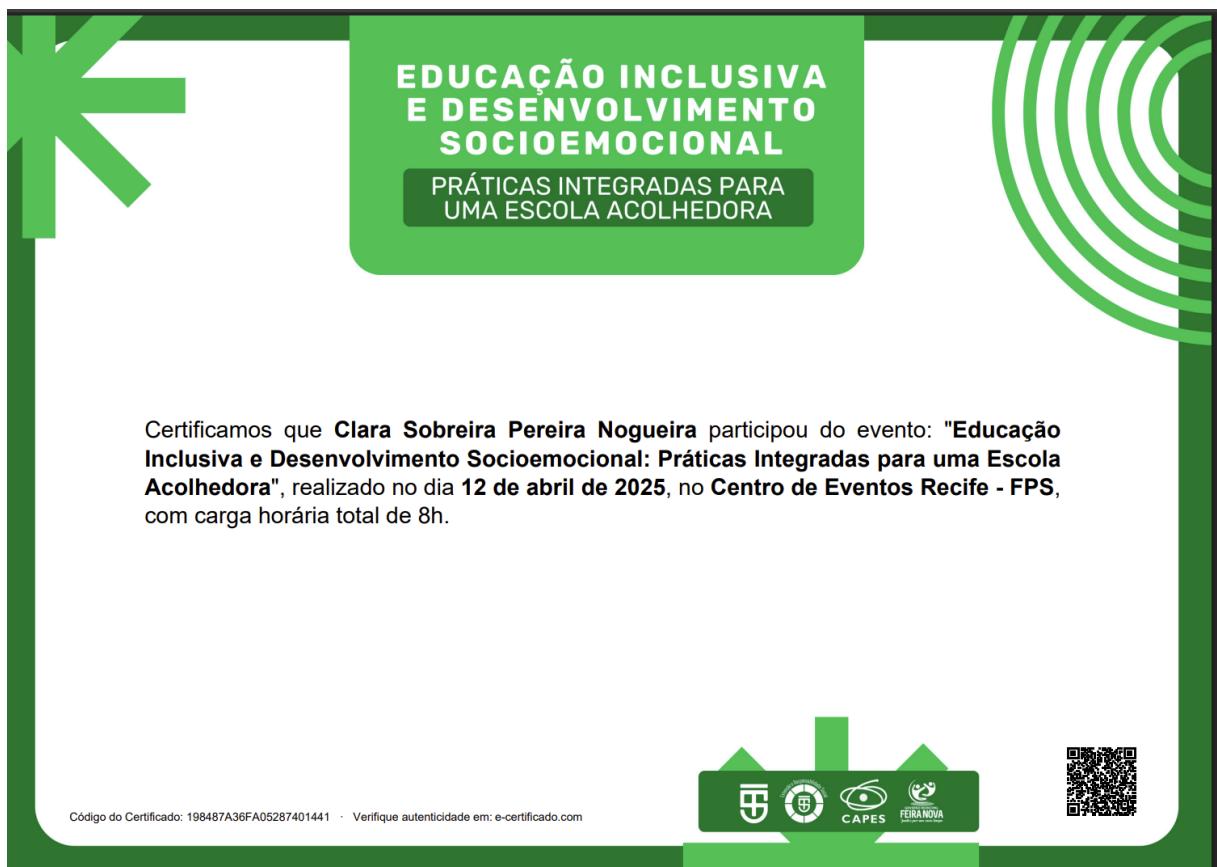
Referências

- PRADO, P.S.T.; BEFFA, M.J.; GONSALES, T.P. Análise de Contingências em situação pedagógica. In: **Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional**. Santo André: ESEtec Editores Associados, 2012, pp 87-111.
- RIBEIRO, M.J.F.X; CARMO, J.S. Apresentação. In: CARMO, J.S.; RIBEIRO, M.J.F.X. (org.). **Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional**. Santo André: ESEtec Editores Associados, 2012, pp 7-12.
- RODRIGUES, Maria Ester. Behaviorismo Radical, Análise do Comportamento e Educação: o que precisa ser conhecido?. In: CARMO, J.S.; RIBEIRO, M.J.F.X. (org.). **Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional**. Santo André: ESEtec Editores Associados, 2012, pp 37-72.
- SKINNER, Barrhus Frederic. **Tecnologia de ensino**. Tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo: Harder, Edusp, 1972 [1968].



APÊNDICE H – MODELO DE CERTIFICADO DE PARTICIPANTE

Este é o modelo de certificado de participante do evento promovido pela FPS, devendo ser adaptado para participante especificamente da Oficina. Para facilitador deve-se trocar o nome “participou” para “facilitou” a “Oficina Práticas educacionais e Análise do Comportamento Aplicada (ABA) na inclusão escolar de crianças com autismo.”



APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E DE DESAFIOS DA PRÁTICA NA INCLUSÃO

Desde já sou muito grata por você chegar até aqui!

Gostaríamos de conhecer mais sobre você e sua prática na educação inclusiva.

Nos ajude a contribuir com o avanço da ciência do comportamento humano!

CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE VOCÊ

1. Data de nascimento: Idade _____

2. Gênero: () Feminino () Masculino () Outro

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1. Qual a sua função na escola:

() professor(a) () mediador/assistente terapêutico () coordenador

() professor(a) de AEE () outro. Qual? _____

1. Ensino Superior: () em andamento () concluído – Data de conclusão: _____

Curso:

3. Especialização 1: () em andamento () concluído – Data de conclusão:

Nome do Curso:

Especialização 2 : () em andamento () concluído – Data de conclusão:

Nome do Curso:

4. Mestrado: () em andamento () concluído – Data de conclusão:

Nome do Curso:

Local do curso: () Brasil () Exterior

Instituição: () pública () privada

5. Tem formação em Análise do Comportamento Aplicada (ABA)?

() Sim () Não

Se sim, de quantas horas foi a sua formação? _____

6. Tem outros cursos, formações, aperfeiçoamentos, na área de neurodivergências e/ou educação inclusiva?

Sim Não

Cite alguns: _____

7. Há quantos anos você trabalha na sua função? (Cite seu percurso profissional caso tenha já passado por outras funções) _____

8. Você está satisfeito com seu trabalho?

não sim sim, mas precisa melhorar

9. Qual a sua carga horária semanal de trabalho:

Menos de 10 horas

Menos de 20 horas

20 a 40 horas

41 a 60 horas

Mais de 60 horas

10. Qual a faixa de idade dos seus alunos?

1 a 3 anos

3 a 5 anos

5 a 10 anos

10 a 18 anos

18 a 35 anos

35 a 50 anos

Maiores de 50 anos

11. Você tem alunos neurodivergentes? Sim Não

Se sim, qual o diagnóstico: TEA TDAH Dislexia Deficiência intelectual Outros

12. Quantos alunos tem na sua sala?

10 a 20

21 a 30

31 a 50

51 a 70

13. Quantos alunos neurodivergentes tem na sua sala?

1

2

3

4 a 6

7 a 10

14. Desses alunos, quantos são ou você suspeita que sejam autistas?

1

2

3

4 a 6

7 a 10

15. Com que frequência seus alunos têm comportamentos interferentes/desafiadores?

diária

duas a três vezes por semana

semanal

quinzenal

mensal

16. Quais as habilidades dos seus alunos autistas?

aprendizes rápidos

Aprendizes lentos e rápidos

Aprendizes lentos

17. Em casos de clientes autistas, qual o nível de suporte?

Nível 1

Nível 2

Nível 3

18. Quais são os maiores desafios que você enfrenta na sala de aula com seus alunos autistas?

19. Você tem acesso a oportunidades de desenvolvimento profissional pela escola que trabalha?

Sim, frequentemente

Sim, ocasionalmente

Não, mas gostaria

Não, e não gostaria

Procuro por conta própria

20. Você participa com dedicação aos treinamentos oferecidos pela escola que trabalha?

Sim, frequentemente

Sim, ocasionalmente

Não, mas gostaria

Não, e não tenho interesse

Eu sou obrigado a passar por atividades de treinamento de equipe no ambiente de trabalho

21. Como você se sente no dia a dia trabalhando com a prática inclusiva?

APÊNDICE J – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA OFICINA

Que bom que pudemos construir conhecimento juntos!

Obrigada pela sua participação!

Agora, vamos avaliar nossa oficina?

1. Como foi a sua experiência em participar desta oficina?

2. Cite o que mais você gostou de aprender.

3. Qual das estratégias trabalhadas você acha que mais vai contribuir na sua prática escolar com estudantes neurodivergentes?

4. O que você gostaria que mudasse nas próximas oficinas? Dê sugestões para que possamos melhorar.
